O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Thomaz Christo

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Estrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

ANNO XXVIII | AVEIRO, 16 DE JANEIRO DE 1910 | Nº 1:343

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Factos & Criticas

E' preciso mostrar ao paiz que não ha nada, nada, a esperar d'esses bandidos. Que elles são incapazes da evolução, como incapazes da revolução. Oiçam bem, que o dizemos bem alto e bem claro: **incapazes da evolução e incapazes da revolução.** Oiçam bem! oiçam bem! que o mal d'este paiz é não ter idéas claras. E' não ter rumo. E' não ter orientação. E' não ter decisão.

O partido republicano, oiçam bem! **é simplesmente um partido d'assassinos. E' simplesmente um partido de canalhas. E' simplesmente um partido de bandidos.**

O partido republicano não faz, não pode fazer, não sabe fazer, nem **evolução nem revolução.** Só faz desordens. Só sabe fazer desordens. O partido republicano não é um partido de decisão. **E' um partido d'empate. E' um tramboiho.** Não ata, nem desata. Nem faz, nem deixa fazer. Ou o paiz ensandeceu de todo, ou o paiz corre a pontapés esses garotos, esses assassinos, esses elementos de perturbação e insania, esses canalhas. O paiz quer progredir? Quer ordem? Quer paz? A primeira coisa é esmagar o partido republicano, **como incapaz da evolução e incapaz da revolução, como simples partido de desordem, como simples partido de bandidos.**

A experiencia está feita e feita de ha longo tempo. Uma experiencia de 20 annos. Que vem desde o *ultimatum*, desde 11 de janeiro de 1890.

Que mais quer o paiz? Que mais espera o paiz? Quer ficar toda a vida de braços atados, vergando ao peso de bandidos da laia d'aquelles que o *Povo de Aveiro* tem definido e estigmatisado?

Aqui não ha senão um recurso: ou ficar n'esta vida eterna de perturbação e desordem, n'este cahos, n'esta anarchia que nos mata, á mercê de todas as especulações, ou esmagar a peor de todas as quadrilhas politicas, a mais perturbadora, a mais perigosa.

O dilemma está posto.

E continuemos a fazer a prova das nossas palavras.

Em 1 de julho de 1906, escreviamos aqui, sob o titulo *O Congresso Republicano*:

> E' hoje o ultimo dia de sessão do congresso republicano.
>
> O que se terá passado?
>
> O que se terá resolvido e o que se irá resolver?
>
> Ignoramos. Mas suppomos.
>
> Do congresso não sahirá, como temos dicto, senão o directorio. E o directorio trará já dentro de si os germens da dissolução.
>
> Como sempre. O que é hoje foi hontem. E hontem foi como anteriormente.
>
> Vem isso da falta d'instrucção, e, por consequencia, da falta d'educação politica do paiz. Os republicanos odeiam a monarchia, mas amam muito pouco a republica. E porque amam pouco a republica? Porque a não comprehendem, por que a não entendem, a e gente, verdadeiramente, só ama aquillo que comprehende, que entende, aquillo com que se casa o nosso espirito, com que se enlaça a nossa alma. E' differente o amor dos sentidos — verdade já repetida, já sabida—do amor do coração.
>
> Que nós não nos admiramos de que os republicanos, incluindo n'este numero quasi todo o elemento dirigente, não comprehendam a republica. Nem a belleza physica, quanto mais a belleza moral, se comprehende sem uma longa preparação. Onde está a preparação moral e a preparação intellectual do proprio elemento culto da patria portugueza?
>
> O partido republicano vae sempre esbarrar no mesmo obstaculo. Só pensa na revolução, só quer a revolução, mas vae ficando sempre desarmado para fazer a revolução. Quaes são as armas necessarias ao triumpho da revolução? São espingardas? Serão espingardas. Mas digam-nos: sem dois braços, que levantem e apontem a espingarda, de que vale a espingarda? E sem uma poderosa acção do cerebro, que dê força á vontade, de que valem esses braços?
>
> Antes d'arranjarem espingardas deveriam os republicanos ter pensado em formar a alma de que derivasse vontade firme para serem manejadas. O nervo da guerra não é o dinheiro. E' a alma do soldado. Demonstra-o a historia, desde a aurora da sua existencia secular. Triumphou sempre o exercito mais possuido d'ideal. Ora existe no exercito republicano o calor d'esse ideal? Não.
>
> Os chefes republicanos orientaram sempre a revolução pelos modelos melodramaticos do principio e do meado do seculo passado. Quem lhes tirar a maçonaria, as sociedades secretas, e as conjuras de caserna, tirou-lhes tudo. Esqueceram-se, apenas, da differença do tempo e das circumstancias. N'um povo que gose de certas liberdades é impossivel resuscitar essas scenas de capa e espada. O sentimento evoluciona, como tudo. Aquillo que nos apaixonava hontem, deixa-nos hoje frios, indifferentes.
>
> A musica do *Trovador* apaixonou uma geração. Todo este paiz se babou pelo *Noivado do Sepulchro*. Hoje toda a gente desataria á gargalhada se visse verter lagrimas sobre o *Trovador* e cantar a sério o *Noivado do Sepulchro*.
>
> Os dirigentes republicanos, e todo o partido republicano em geral, ficaram antiquados sobre processos revolucionarios. Ou, antes, não souberam reatar a legitima tradição revolucionaria republicana. Porque a verdade é que esses processos de conjuras, de sociedades secretas, de carbonarismo, de catacumbas, foram sempre processos monarchicos. Os processos republicanos, desde os tempos da Grecia até aos tempos da gloriosa revolução franceza, foram sempre bem differentes. Esses consistiram invariavelmente em preparar a consciencia publica para uma grande explosão geral.
>
> O grosso do partido republicano tem o objectivo fixo do pronunciamento militar. Os seus mais illustres chefes não pensam n'outra coisa. Reune-se um congresso sobre esse pensamento. Elege-se um directorio com esse pensamento. Os chefes não são escolhidos pelo seu *temperamento politico*, mas pelo seu *temperamento fogoso*. Quem fala mais em revolução? Quem promette mais a revolução? Esse é o chefe querido. Esse é o chefe eleito. Não vem a revolução? Pobre chefe, que perdeu a aureola n'um instante!
>
> Os mais illustres chefes republicanos teem feito consistir todo o seu esforço em farejar militares capazes de adherir á revolução. Os mais illustres chefes. Os escriptores! Os pensadores! Os mais apregoados como possuindo estofo d'estadistas! Os tropas adherem? Alegria geral! Os tropas não adherem? Desalento profundo!
>
> Onde está a intelligencia d'esses homens, que nunca perceberam que esse é o processo mais moroso de se chegar á revolução?
>
> Cada vez duvidamos mais das intelligencias d'esta terra!
>
> O congresso actual ainda se reune sob a impressão d'uma proxima revolução. Para muitos, para a maioria, o directorio eleito é o ultimo. Já assim era ha tres annos. Já assim era ha trinta annos. Como é triste que os homens tão difficilmente apprendam com a experiencia e o tempo!
>
> Partam do principio de que é o primeiro, em vez de partirem do principio de que é o ultimo. Que partam d'esse mesmo principio os eleitos. E talvez que assim consigam fazer obra d'utilidade democratica.
>
> A grande maneira de chegar á revolução é revolucionar a consciencia publica. Mas a consciencia publica não se revoluciona só a demolir. Revoluciona-se, sobretudo, a edificar. „

Falámos-lhes sempre a voz da razão. Sempre a voz da verdade. Sempre a voz do bom senso. E por isso nunca nos poderam tragar. Só por isso!

Poucos dias depois de se ter realizado o congresso republicano, a que n'esse artigo nos referiamos, ia João Franco ao Porto. Está na memoria de todos como elle foi recebido e tratado. E nós, fulminando essa conducta indecente dos republicanos, diziamos em 15 de julho de 1906:

> A provocação da politica repressiva só se justifica quando haja o maior numero de probabilidades a favor da revolução. Tem o partido republicano essas probabilidades? Sente-se forte para fazer a revolução? Então ande para deante com as suas provocações, com as suas intransigencias, com as suas difficuldades, com os seus embaraços. Mas, note bem: não bastam simples probabilidades. Precisa da *quasi certeza*. Tem-a?
>
> Eis o caso.
>
> Não a tem?
>
> Se a não tem, como nos parece, confessamos que não conhecemos palavras para classificar tanta intransigencia, tanta fanfarronada, para não dizermos *tanta parvoiçada*.
>
> Fartámo-nos de gemer, um pouco vergonhosamente, diga-se tudo, sob o peso humilhante da censura prévia. Aturámos, um pouco vergonhosamente, continuemos dizendo a verdade, que o primeiro policia boçal, nas reuniões publicas, nos puzesse o dedo no nariz obrigando-nos a tapar a bocca. Supportámos, sempre vergonhosamente, sem resistencia, fugindo espavoridos, as cutiladas, as pranchadas d'uma policia brutal. E agora, com um ministerio que ainda não exerceu a censura prévia, que ainda não dissolveu as nossas reuniões, que ainda não nos mandou dar bordoada, e que promette firmemente manter a liberdade, estamos *promptos para tudo*, até para *ir ao lombo* ao João Franco.
>
> Parece que a monarchia já não subsiste senão pela nossa tolerancia e que João Franco já não traz as costas direitas senão pelo nosso espirito de bondade.
>
> Sabem o que estão a fazer? A justificar José Luciano e Hintze. A dar razão ao rei. A dizer ao proprio João Franco: *E's um asno, menino, és um asno. Que diarrhéa de juizo foi essa que te deu? Foram os ares da Suissa e da Inglaterra que te metteram no corpo essa molestia? Ah, que te esqueceste do proverbio: "cada roca com seu fuso, cada terra com seu uso." Volta para traz, desgraçado. Regressa aos teus tempos de mata gatos em Coimbra e estoira vergas no poder. Despe essa casaca de civilisação, dentro da qual tu és um gebo, segundo os litteratos d'esta terra. Põe a tua jaqueta curta, o teu chapéo redondo, a tua cinta encarnada, e varre a feira, com o teu bello varapau de valentão d'aldeia. Foi assim que adquiriste a tua fama. E só assim conseguirás ser um homem de respeito, um homem de prestigio, emfim, um grande homem.*
>
> Pois quê? Pois havemos de ser nós, republicanos, que havemos de arremessar para esse caminho João Franco? Havemos de ser nós que havemos de dar razão á politica brutal, reaccionaria, nefasta, dos ultimos dezeseis annos? Nós, com a nossa *absoluta intransigencia?* Com a nossa parvoiçada?
>
> Pelo que individualmente nos respeita, não, não e não.
>
> Não temos relações, já n'outro dia o dissémos, com um unico franquista. Um unico! Não privamos com um unico progressista. Um unico! Bem alto o repetimos. Mas digam que as temos. Digam que nos movem interesses illicitos. Que somos agente do governo. O que quizerem. Tudo isso desprezâmos toda a nossa vida. Tudo isso desprezâmos e desprezaremos. Uma coisa, porém, não queremos que se diga: que pozémos, jámais, esta penna ao serviço da estupidez nacional.

O partido republicano nunca soube fazer a evolução nem a revolução. E' preciso que o paiz se convença d'isto. Havemos de convencer o paiz d'isto. O partido republicano nunca teve principios. Nunca teve idéas. Nunca teve amor á democracia nem á patria. O partido republicano não é um partido. Não é um agrupamento de cidadãos. E' uma quadrilha. E' um grande bando de canalhas. E' uma grande sucia de bandidos. Como tal só vive de especulação e de desordem.

Que se convença o paiz! Que veja claro, se quer chegar, emfim, a ser bem governado, a progredir, a viver!

Nós escreviamos essas palavras *muito antes* da infame cilada que nos armou o Bombardino Rachado. Muito antes! Fizémos uma campanha, uma verdadeira campanha de razão, de justiça, de verdade, para evitar que o partido republicano fizesse, contra João Franco, o jogo das quadrilhas monarchicas. Empregámos todos os esforços no sentido de consolidar a tentativa de *governo liberal e honesto* a que punham hombros João Franco e D. Carlos. Era sincero o desejo de D. Carlos. Era sincero o desejo de João Franco. Ambos procuravam estabelecer outros processos de governo n'esta patria desgraçada. Nós percebemo-lo muito bem. E quizémos evitar o tremendo desastre de os forçar a pôr de parte esses processos. De os fazer cahir novamente na dictadura. De lhes levar ao espirito a convicção de que era inteiramente impossivel um serio governo liberal, constitucional, parlamentar. Pois só conseguimos levantar contra nós o odio feroz, o odio sanguinario da canalha. Foi essa campanha, ella e só ella, que nos valeu a infamia planeada entre os do *Mundo* e o Bombardino Rachado. O que resta fazer? O quê, senão pedir a anniquilação d'esses bandidos, o exterminio d'essa canalha?

O que tem o paiz a esperar d'esses bandidos? O que tem o paiz a esperar d'essa canalha?

Quem levou João Franco e o rei para a dictadura senão elles, fazendo o jogo das quadrilhas monarchicas? Quem foi responsavel pelo que se passou? Quem é responsavel pelo que se passa? Quem foi o instrumento, quem, da reacção? Quem preparou, quem, a reacção?

Miseraveis! Grandes miseraveis!

Canalhas, grandes canalhas!

Esmaguem-nos. Agora não ha outro recurso, venha quem vier, triumphe quem triumphar. Esmaguem-nos. Liquidem essa quadrilha. E liquidem-na sem dó nem piedade.

E nós continuaremos provando que não ha outro recurso n'esta patria desgraçada.

INFINITA GRAÇA

Infinita graça, a dos republicanos trocando do juiz d'instrucção criminal por elle ter descoberto . . . sociedades secretas!

Infinita graça, a dos republicanos e a dos dissidentes!

Ora no partido republicano nunca houve outra coisa. O partido republicano esteve sempre *cheio de sociedades secretas*. Grupelhos de dez, quinze, vinte homens, manobrando ás ordens d'este e d'aquelle.

E na maçonaria? Essa, então, tem sido a mais *terrivel* das *sociedades secretas*. Ahi se conspira desenfreadamente ha muito tempo. Primeiramente conspirou-se sob as vistas dos governos, que tinham lá gente sua para os informar. Mas no tempo de João Franco as quadrilhas monarchicas juntaram-se ás quadrilhas republicanas, e o governo ficou . . . ás escuras.

Ha lojas maçonicas que são verdadeiros antros de assassinos, de vadios, de malandros da peor especie.

O meu jornal

«A Morte da Aguia»

Jayme Cortezão é um novo; quasi desconhecido ainda do grande publico, mas cheio de boa vontade, cheio de vigor e de saude. O seu primeiro livro, ha dias publicado, attesta eloquentemente que Jayme Cortezão allia á sua vontade de fazer arte e boa arte, uma poderosa intelligencia e uma fecundissima imaginação.

E' um innovador na poesia e entra por ella irreverente e rebelde aos velhos moldes, ás velhas formulas adoptadas, dando a cada verso vida propria, e fazendo de cada uma das suas estrophes um vigoroso golpe na rotina. Temperamento de revoltado, alma de eleito, Jayme Cortezão põe nas suas poesias toda a sua bondade e todo o seu infinito amor pelos homens.

Trabalha bem o verso, por vezes com verdadeira mão de mestre, mas elle escorrelhe da pena naturalmente perfeito e não é obra de carpinteiro que atteste tão sómente o valor d'um aturado estudo. Quasi todos os seus versos são harmoniosos e sonoros, o que de nenhuma forma significa que haja em todos elles uma egualdade e uma perfeição absoluta. Não. No poema de Jayme Cortezão, ha por vezes versos pessimamente construidos que destôam em absoluto do conjuncto e nos ferem os ouvidos como laminas de aço. Entretanto, no geral, pode-se dizer com verdade que os seus versos, considerados sob o ponto de vista technico, são bons, muito bons mesmo, e se o illustre escriptor não attingiu ainda a perfeição absoluta — pois é este o seu primeiro livro — tudo nos leva a crêr que será, n'um futuro proximo, um bello, um grande poeta.

Não será porem facil o seu triumpho n'um meio como o nosso, onde um innovador é sempre um perseguido, onde um rebelde é sempre olhado com antipathia, onde a um revolucionario se faz guerra de morte porque elle é um inimigo do passado e onde apenas se entoam canticos louvaminheiros aos imbecis que pontificam de cathedra, servos passivos do preconceito e da rotina.

O seu alto idealismo, o seu espirito subtil, a sua forma especial de encarar os homens e as coisas, as suas irreverencias para com os consagrados, bem como a sua rebeldia contra qualquer escola dogmatica, seja dos conservadores ou dos avançados, serão escolhos que lhe tornarão difficil o triumpho provocando a inveja dos insignificantes e a inimizade dos que, á custa de audacia apenas, vão fazendo carreira nas lettras e temem a concorrencia dos que se impõem por seu verdadeiro e real talento litterario.

"A Morte da Aguia„ é um poema em sete cantos, cheio de fé e mysticismo. Do primeiro ao ultimo verso se sente a influencia do espirito original do seu auctor, da sua metaphysica propria, da sua profunda educação philosophica e da ambição intima da sua alma de alcançar finalmente uma região de justiça e verdade.

No poema ha sobretudo dois cantos que se impõem pelo seu excepcional valor litterario e documentam flagrantemente que Jayme Cortezão é um extraordinario temperamento de artista. São A Tempestade *e* A Arvore Tragica. *Teve o primeiro mais inspiração e mais valor que o segundo, mas ambos elles são duas obras primas. Não ha que nega-lo.*

No emtanto estamos certos de que a poucos agradará o poema. Isso é aliás natural porque nem todos teem a cultura sufficiente para comprehende-lo e o espirito sufficientemente liberto de archaicas formas e minhocas preconceituaes para acceitar a sua independencia de criterio.

Tenha porem a certeza o sr. Jayme Cortezão de que fez uma bella obra e é um bello poeta.

Radamés.

O crime de Cascaes

Em 24 d'outubro findo, logo que Manuel Nunes Pedro appareceu assassinado, e sem que ninguem attribuisse ainda o assassinato aos republicanos, escreviamos nós aqui:

> Manuel Nunes Pedro foi assassinado pelos republicanos. Positivamente! Não temos nenhum elemento material para o affirmar, nem sabemos nada pelos jornaes, que nada dizem ainda á hora d'escrevermos estas linhas. Mas pelo conhecimento que temos do caracter e dos processos dos republicanos, a nossa convicção está feita e é inabalavel.
>
> Nós estamos a ver aquillo tudo.
>
> Manuel Nunes Pedro fugiu. Os republicanos abandonaram-no como abandonam todos aquelles de quem já não precisam e que tiveram a loucura de se sacrificar. Manuel Nunes, do exilio, escreveu e tornou a escrever. Queixou-se e tornou-se a queixar. Lamuriou-se e tornou-se a lamuriar. Os republicanos, todos garotos, todos *trintas*, todos *maduros*, todos canalhas, riam-se de cá e diziam-lhe adeus com a *mão fechada*.
>
> Desesperado, não tendo com que viver, o pobre homem veio por ahi abaixo. Procurou os cumplices e increpou-os. Lançou-lhes em rosto o abandono a que o tinham votado e declarou-lhes a sua resolução de se ir entregar, contando tudo á policia. Prompto! Assassinado! Isto é tão certo como dois e dois serem quatro.
>
> Se nós os conhecemos!
>
> Se ninguem os conhece como nós! (1)

No domingo seguinte, 31 de outubro, continuavamos:

> O *Mundo*, tão minucioso, tão porcamente minucioso, deve-se dizer, em todos os crimes que apparecem em Lisboa, não fez a menor reportagem do crime de Cascaes. Não só não fez a menor reportagem do crime de Cascaes, chegando — hoje, quarta-feira, é um d'esses dias — a não dizer sobre elle uma palavra, como no pouco que disse **procurou sempre desviar a idéa do crime de cima do caso.**
>
> Isto é o melhor e o maior indicio, para nós, **de que houve crime,** (2) de que os republicanos teem a certeza de que **houve crime** e de que conhecem o auctor ou auctores da grande infamia.
>
> Ao sr. juiz d'instrucção criminal, que é um homem intelligente, não passou, certamente, despercebido este caso. Está n'elle, repetimos, o melhor, o maior indicio de que **houve crime** e de que se trata **d'um crime republicano.**
>
> E' hoje quarta feira. Estou a escrever isto hoje, quarta feira. Não sei nada do que vae no juizo de instrucção criminal. O que se tem apurado, e o que se não tem apurado sobre o caso de Cascaes. Mas continuo na convicção inabalavel, que já declarei domingo ultimo, de que o infeliz Nunes Pedro foi assassinado e de que foram republicanos os auctores do assassinio. Não haja duvidas, sr. juiz de instrucção criminal. Olhe v. ex.ª — já olhou, com certeza — para o *Mundo* e para o *Seculo*. Imbecis, na falta *d'interesse* que demonstram pelo crime de Cascaes, na insinuação de que não houve crime, deixam manifestamente provado que houve crime e que os assassinos são republicanos.
>
> O *Seculo*, o desprezo do *Seculo* pelo crime de Cascaes! A attitude do *Mundo*, o rival do *Seculo* em infamias de reportagem e de *chantage!* Não é preciso mais nada. Houve um assassinato! E pertencem ao partido republicano os assassinos!
>
> Siga o rasto do *Mundo*, sr. juiz d'instrucção criminal! No *Mundo*, e em certas ramificações maçonicas que se ligam com o *Mundo*, está a *fonte* de todas as infamias, de todos os crimes. O *Mundo* é o cerebro do crime revolucionario! Alli é que está o cerebro do crime revolucionario! Alli é o quartel general dos bandidos! Alli é o covil dos salteadores! Esse Affonso Costa, verdadeiro monstro, seja qual for o aspecto sob que se encare, é a ruina, é a vergonha do partido republicano! Foi elle quem deu ao partido republicano o aspecto assassino, a orientação criminosa, o rumo d'attentados em que esse partido se lançou! São todos uns malandros! Mas sem a alma damnada d'esse homem, o partido republicano nunca teria chegado á situação indigna, vergonha, infame, a que chegou!

No domingo seguinte, 7 de novembro, continuavamos:

> Como já fizémos notar, Manuel Nunes Pedro não ia *espontaneamente* e *propositadamente* revelar as particularidades do roubo do cartuchame. O que elle queria era que lhe valessem, que o não deixassem morrer de fome. Arranjavam-lhe um emprego no Dondo, no fim do mundo, no inferno? Elle para lá ia ganhar a sua vida. E que ia, não ha duvida nenhuma, desde que foi a esperança de apanhar o vapor que o conduziu á *Bocca do Inferno*, onde encontrou morte traiçoeira, vil, covarde!
>
> Se ia para o Dondo, se ia para qualquer parte onde podesse ganhar alimentos para si e sua familia, que mais queriam os conspiradores republicanos? Que receavam do desgraçado no Dondo? Em longinquas paragens?
>
> E' um crime *com todas as circumstancias aggravantes*. E' um crime demonstrando requintes de ferocidade, de perversidade, verdadeiramente hediondo. E o partido republicano perfilha esse crime! E os que juncaram de flores o coval do Buiça e do Costa querem agora, em face d'esse crime, fechar a bocca, contrahir as mãos n'uma crispação nervosa em um ultimo assomo de respeito pelo pudor publico, ou antes, de *medo das conveniencias*, mas não podem. As mãos batem palmas! Da bocca jorram applausos! Miseraveis!
>
> O *Seculo*, o *Mundo*, a *Lucta*, já não se limitam, n'uma reserva e fazendo uma excepção que constitue um acto patente de solidariedade, a abster-se de reportagem e de commentarios. O *Mundo*, o jornal mais lido do partido, o genuino orgão do partido, clama: *Respeito aos assassinos, que somos nós, os republicanos! Silencio! Emmudeça tudo, cale-se tudo, que somos nós os assassinos, os republicanos!* E o facto espantoso é que tudo emmudece! Os republicanos dão *bravos* ás palavras do *Mundo!* Os republicanos dão palmas! E os monarchicos emmudecem! De rabo entre as pernas, o proprio *Diario de Noticias* mudou de rumo... abandonando a reportagem!
>
> E' espantoso! E' espantoso!
>
> N'outro paiz, n'um paiz viril, n'um paiz onde houvesse um boccado d'intelligencia e um boccado de caracter, jornal que, em cima d'um assassinato, como esse de Cascaes, se atrevesse a ter a conducta que logo de principio teve a

(1) Tem graça que, pelo que dizem agora as gazetas bem informadas, as coisas passaram-se pouco mais ou menos como as previamos!

(2) Discutia-se então se teria havido crime, se suicidio ou desastre.

Corneta do França, o *Cornetim da Margarida*, a *Trompa da Emilia*, essa porcaria que só em Portugal se poderia chamar jornal, e a concluir por se dirigir a outra gazeta nos termos em que se dirigiu ao *Diario de Noticias*, (1) a *Corneta* do França não só seria jornal morto, d'um dia para o outro sem leitores, como os seus redactores, arremessados por uma onda d'indignação popular, sahiriam pelas janellas a esborrachar-se na calçada. Na America, por exemplo. Aqui, n'este pantano, *emmudecem* as rapozas monarchicas e entôam hymnos de louvor os sapos republicanos!

Assim diziamos, assim diziamos!

Assim diziamos, **logo que houve noticias do crime de Cascaes.** E se o lembramos, se reproduzimos as palavras que **immediatamente escrevemos a tal respeito,** não é para provar que mais uma vez vimos claro n'este cahos em que anda desnorteado e perdido um povo inteiro. Já seria prova escusada. **Só nós conhecemos bem os bandidos republicanos em Portugal.** Isso está visto e mais do que visto. Isso está provado e mais do que provado. **Só nós lhes sabemos as manhas e só nós temos coragem para lhes sahir á estrada.** Só nós, em Portugal! Isso está visto e mais do que visto. Isso está provado e mais do que provado.

Se lembramos o que **desde logo** escrevemos, se reproduzimos as palavras que **sem demora** publicámos, é apenas para que os leitores do *Povo de Aveiro* vejam nitidamente a **infamia,** a **vileza,** a **perversidade** com que os malvados, agora, se atrevem a **fazer reuniões nos centros republicanos,** a **fazer comicios,** a **escrever artigos de campanuda indignação contra o juizo e o juiz d'instrucção criminal.**

E preciso que os bandidos sejam **muito vis, muito infames, muito perversos.** Mas é preciso, tambem, que **Lisboa tenha descido muito,** para que elles se abalancem a tamanha audacia. Mas é preciso que a **fraqueza,** que a **covardia,** que a **indignidade** dos governos seja enorme, para que se lhes tolere, para que se lhes não castigue com mão de ferro um atrevimento de tal ordem.

Lisboa é uma cidade vil, uma cidade prostituida, uma cidade depravada, senão esmagava-os. O governo não tem brio, não tem decôro, não tem caracter, não tem consciencia da sua missão social, senão fazia-os pisar a patas de cavallo.

Que degradação! Que vileza! Que vergonha!

Pelas palavras que ahi ficam transcriptas, e que publicámos **logo que, tornamos a dize-lo, houve noticia do crime de Cascaes,** vê-se perfeitamente que não é a **demora do processo,** que não é a **tyrannia** do juiz d'instrucção criminal, que leva a indignação aos arraiaes republicanos. E' o **facto,** o **simples facto,** de se persistir em castigar um crime **genuinamente republicano.**

Isto é que é! Não é mais nada!

Como é a *demora do processo*, se elles logo no **primeiro dia** se revoltaram contra a simples circumstancia de se *instaurar processo?*

Como é o facto do juiz d'instrucção criminal *prender agora a esmo*, se elles logo no **primeiro dia** se revoltaram contra esse juiz por elle admittir a *idéa de crime*, em vez de *idéa de desastre*, **como os bandidos reclamavam?**

Como é o *auctoritarismo*, a *tyrannia* do juiz d'instrucção criminal entrando *sem respeito* na *casa dos cidadãos,* conservando os cidadãos *dois mezes incommunicaveis,* se elles logo **no primeiro dia** se revoltaram, ou mostraram o seu **profundo azedume,** a sua **rancorosa má vontade** ao juiz d'instrucção criminal por elle ter **ousado prender o Guimarães e seguir nas averiguações judiciaes?**

Como, se os seus mais importantes, os seus maiores jornaes logo desde **o primeiro dia** se abstiveram *de fazer a menor referencia* ao crime de Cascaes?

Como, se logo no **primeiro dia** esses jornaes **atacaram, injuriaram, insultaram** o *Diario de Noticias* por elle **ousar** fazer a reportagem do crime de Cascaes?

Essas reuniões dos centros republicanos, esses comicios, esses artigos inflammados das gazetas *democraticas* teem um unico proposito, teem um unico fim, encerram uma unica reclamação: **o direito, o plenissimo direito, para os republicanos, de roubarem, de falsificarem, d'incendiarem, de matarem.**

Nunca o crime chegou, em parte alguma do mundo, a **tamanha audacia.** Nunca uma cidade se degradou, como, aos olhos do mundo civilisado, se está degradando a cidade de Lisboa, **tolerando essa audacia.** Nunca um governo se mostrou tão vil, tão impudico, tão desavergonhado, tão incapaz, como esse que ahi está, dando foros de cidadãos a **assassinos, a ladrões, aos peores bandidos, aos mais perversos salteadores d'estrada.**

Este é o facto, na esmagadora eloquencia da sua simplicidade.

Logo no **primeiro dia** ficou provado, pela attitude do *Mundo*, do *Seculo*, da *Lucta*, que o caso de Cascaes representava um **crime,** e não um **desastre.**

Logo no **primeiro dia** ficou provado, pela attitude do *Mundo,* do *Seculo*, da *Lucta,* que o caso de Cascaes representava não só um crime, como um **crime republicano** e um crime **premeditado.**

Logo no **primeiro dia** ficou provado, pela attitude do *Mundo*, do *Seculo,* da *Lucta,* que os jornalistas republicanos eram cumplices n'esse crime monstruoso.

Pois bem. O que succedeu? O que succede? Os jornalistas republicanos foram presos como *cumplices?* O partido republicano foi estigmatisado pela infamia de *perfilhar* um crime de tal ordem? Não. Pelo contrario: o partido republicano continuou na sua missão de *redemptor!* Os jornalistas republicanos, **os réos,** continuaram na sua missão de *juizes* de *censores!* E como se fosse pouco, acabam todos por pedir que seja *destituido o juiz d'instrucção criminal,* que seja *extincto o juizo de instrucção criminal,* que *sejam dadas garantias aos assassinos republicanos,* pois que o juiz d'instrucção criminal se atreveu a descobrir os republicanos que mataram um infeliz porletario em Cascaes! E Lisboa ouve *democraticamente* o protesto dos illustres *cidadãos!* E o governo, em nome da *libardade*, acata o *direito* dos mesmos illustres cidadãos!

Isto é demencia, diga-se tudo. Isto é uma raça que perdeu inteiramente o juizo e o senso moral. Isto abastardou-se até á loucura. Esta degradação, esta infamia, esta vileza collectiva, d'um povo inteiro, já se não pode explicar senão por uma degenerescencia tão profunda que minou até á medulla o organismo da nação.

Isto é a ultima das prostituições. Isto é a verdadeira *loucura moral.*

Esse partido republicano perdeu inteiramente a noção das circumstancias, das conveniencias proprias e das conveniencias publicas, do decôro proprio e do decôro publico, como o demonstra a questão Djalme, a questão Leandro, a questão agora da Bocca do Inferno e mil casos eguaes. Esse partido revelou-se falsificador ao tomar a calorosa defesa de Djalme, incendiario ao advogar a innocencia do Leandro, assassino, cobrindo, com a sua bandeira e com a sua solidariedade, os assassinos de Cascaes. Esse partido, exaltando Affonso Costa, aureolando Cunha e Costa e Alexandre Braga, *purificando* Leitão, Padua Correia e sucios varios, esse partido, cheio de malandros, de canalhas, de cavalheiros d'industria, de grilhetas ignobeis, demonstrou-se indigno de toda a consideração e de todo o respeito social. Esse partido, obrigando João Franco a cahir na dictadura, associando-se ao assassinato do rei quando o rei parecia disposto a metter na ordem as quadrilhas monarchicas, fazendo a apotheose do Buissa, mostrou-se, **todo elle,** um bando de especuladores, de criminosos, de perversos. Em toda a parte seria *corrido a tiro.* Em toda a parte seria *monteado* como as féras bravas. Porque mil vezes peores, mais perigosas, mais odiosas que as feras do matto, são essas féras que hypocritamente se dizem, para completar a irrisão e o ridiculo, . . . da *egualdade*, da *liberdade* e da *fraternidade.* Pois em Portugal é adulado, é lisonjeado, é, mesmo, reverenciado! O que quer isto dizer senão que o partido republicano é um legitimo producto do seu meio? O que quer isto dizer senão que a sociedade portugueza está, toda ella, prostituida, corrompida até ao amago, extraordinariamente degenerada, vilmente abastardada?

N'este caso especial de Cascaes, n'um paiz de solidez moral, n'um paiz onde os homens tivessem o juizo no seu logar, os clubs republicanos já estariam dissolvidos a esta hora, como antros de crime, como viveiros de criminosos, como focos da mais tremenda anarchia moral. Os jornalistas republicanos já estariam na cadeia. Não seriam permittidos comicios, nem reuniões nenhumas, porque esses comicios representam um verdadeiro attentado não só á ordem social como, sobretudo, ao bom nome do paiz, á nossa integridade moral. Se os desordeiros persistissem em se reunir contra as ordens da auctoridade, o governo mandaria affixar cartazes a prevenir o povo de Lisboa de que não sahisse para a rua porque andavam á solta as féras do Jardim Zoologico. E, depois, varria as ruas de metralha. Ladrões, assassinos, canalhas, não são cidadãos. Ladrões, assassinos, canalhas mettem-se na Penitenciaria. Mas, se são tantos que não cabem nas prisões, enforcam-se, ou, o que é mais rapido, fuzilam-se, metralham-se.

O partido republicano tornou *imperioso* este processo summario. E no dia em que elle fôr fuzilado, metralhado, está tudo acabado. O partido republicano não vive da propria força, que é simplesmente a *força da desordem, a força da canalha.* Vive da extrema fraqueza dos miseraveis, que teem a missão sagrada de manter a ordem, de defender a vida e a honra dos cidadãos confiados á sua guarda. O partido republicano não pode ser respeitado. Não tem direito a ser respeitado. Não é um partido de cidadãos. E' um partido de arruaceiros na sua melhor gente, é um partido de faccinoras na generalidade. Pois a insania é tamanha, a loucura moral tão manifesta, a degenerescencia tão accentuada, que esses arruaceiros, que esses faccinoras não só ficam impunes, como continuam. . . a dominar!

Um paiz assim está perdido.

Nada o pode salvar.

(1) Insultou atrozmente o *Diario de Noticias* por este jornal *se atrever* a fazer a *reportagem* do crime de Cascaes.

Semana Lisboeta

Jean Richepin

O mais notavel e o unico verdadeiramente notavel acontecimento da semana finda, foram as duas conferencias realisadas pelo poeta e orador distinctissimo que é Jean Richepin, no theatro D. Amelia.

O sr. visconde de S. Luiz de Braga parece ter decidido definitivamente ser até á morte o dedicado benemerito d'este pobre paiz que vive uma vida de podridão e de miserias. Elle não se cansa de nos trazer tudo quanto de mais notavel existe lá fóra na musica, no theatro e nas lettras. Elle fez do D. Amelia um verdadeiro templo de arte. Ainda ha pouco nos trouxe Mimi Aguglia, essa assombrosa mulher que deslumbrou Lisboa, e poucos dias depois é pelo braço do visconde de S. Luiz de Braga que nos entra pela porta o poeta Jean Richepin, gloria da França e gloria da Humanidade inteira.

Em breve teremos Mm. Catulle Mendès e pouco depois será em Lisboa Anatole France que não sei se terá o condão de dar no gotto aos ironistas d'esta terra de pretos como no gotto lhes deu Jean Richepin.

Porque antes de tudo, e a nossa indignação não nos permitte tratar hoje propriamente das explendidas conferencias do grande poeta, é preciso frisar o desprezo ironico com que Jean Richepin foi tratado por certa jocosa imprensa d'esta capital e por certos jocosos jornalistas cuja vaidade pueril leva até á insolencia mais irritante e mais idiota.

Chega a Lisboa um homem considerado em todo o mundo como um grandissimo talento e de toda a Europa tendo recebido o applauso unanime das creaturas intelligentes, n'uma jornada gloriosa e triumphal recentemente feita. Realisa duas conferencias, uma sobre o Mar, e outra tendo por titulo *A legenda de Napoleão nos poetas.* Qualquer d'ellas sob todos os pontos de vista, admiravel. Mas ha quem não goste. E esses cavalheiros, em vez de manifestarem o seu desaccordo ou o seu desagrado com a delicadeza, a cortezia e o respeito que se deve ter por todo o mundo e em especial com uma figura como Jean Richepin, da sua envergadura intellectual, um poeta e um orador de merito indiscutido, dirigem-se a esse veneravel e masculo velho encanecido com a mesma sem-cerimonia e a mesma audacia com que se dão duas chicotadas n'um cachorro ou com a mesma gargalhada superior que se atira á face pintada d'um histrião.

Eu não calculei que pudesse chegar tão longe a audacia e a vaidade imbecil d'estes nossos intellectuaes de via reduzida. Sempre me pareceram idiotas. E sempre foram garotos. Mas tão idiotas, mas tão insolentes, mas tão petulantes eu nunca pude julgar na verdade que elles fossem.

Como elles falam de Jean Richepin! Como elles gracejam, como elles riem, o soberano desprezo com que alguns se referem ao grande poeta francez!

Eu pasmo d'isto tudo! E cada vez me convenço mais de que nós somos um povo perdido!

Um jornalista como o sr. Brito Camacho que em qualquer parte do mundo não passaria d'um jornalista de segunda ordem, a falar d'um dos mais gloriosos poetas da França como se fosse Victor Hugo a falar de Rosalino Candido!

E anda para isso Richepin a perder o seu tempo n'esta terra de cafres e de insolentes!

Se as nossas palavras chegassem até ao grande poeta que enche de gloria a raça latina, pedir-lhe-iamos que não julgasse o nosso pobre povo pelos seus dirigentes que são o typo caracteristico da sopeira indigena que enverga á pressa os vestidos luxuosos da patrôa!

Pedir-lhe-iamos que, do alto do seu enorme talento, lançasse a estes enfatuados imbecis todo o desprezo da sua alma alevantada e nobre, e jamais gastasse com elles os seus preciosissimos minutos.

Pedir-lhe-hiamos que, para não manchar o seu pedestal de gloria, passasse o veu do esquecimento por sobre a sua viagem a este paiz que a natureza encheu de formosura e que os seus dirigente se empenham em encher todos os dias de vergonha!

E oxalá que, mesmo sem ouvir o meu grito, o grande poeta tenha para os insolentes que o chasqueiam este natural sentimento de desprezo!

Imbecís!

Lisboa, 13 de janeiro de 1910.

Menalkas.

Escrevem-nos de Oliveira de Frades:

Affirmou hoje um cavalheiro = aliás boa pessoa = n'uma conversação **acalorada** *havida na pharmacia d'esta villa, ácerca do seu muito lido e apreciado " Povo de Aveiro, „ que n'essa occasião era lido perante muitos amigos " que v. não sahia á rua com medo de ser assassinado e que a sua casa estava sempre guardada por dois policias. Não o acreditei e só o acreditaria se v. m'o affirmasse.*

Continue v. com a sua nobre attitude porque só a v. é devido esse boccadinho d'esperança que vamos tendo no futuro.

Diga ao cavalheiro o seguinte: que não sendo eu um fanfarrão, nem um pedaço d'asno, nem um bacoco, e que não me importando nada com o que dizem de mim os fanfarrões, os pedaços d'asnos e os bacocos, é claro que não saio á rua só para mostrar que *não tenho medo* aos fanfarrões, aos pedaço d'asnos e aos bacocos. E como tenho muito que fazer, muitissimo, claro é tambem que não posso sahir muito. Saio pouco. Mas quando saio . . . saio. De dia e de noite. Vou ao theatro, como ainda fui ha oito dias no Porto, onde as *alfurjas* me trazem condemnado á morte. Vou ver illuminações, quando ha illuminações. Vou ouvir a musica, quando toca a musica. E até hoje ainda não me appareceu, a dizer-me uma palavra sequer . . . cavalheiro nenhum. Sendo tão facil matar-me, ou bater-me, que nem bengala uso. Ando sempre com as mãos nos bolsos . . . por causa do frio. Mas elles teem calor. E o calor foge do frio. Já vê!

Quanto aos policias, eu lhe digo. Nunca cá esteve senão um. E só de noite. E devia cá estar todas as noites. Não de sentinella á casa. Mas a policiar a rua. Uma rua deserta, onde todos os attentados são possiveis! E onde mora um homem que, por prestar relevantissimos serviços á causa publica. tendo a coragem e a abnegação que ninguem teve jamais n'este paiz, anda com a sua vida ameaçadissima. Mas o meu amigo governador civil, que espera ser governador civil e influente politico com a republica, como o tem sido com a monarchia, mandou-o retirar ha mais de 15 dias, quando a garotada republicana cá da terra o censurou . . . por elle deixar andar aqui um policia. Era-me facilimo fazer voltar o policia. Bastava-me mandar dizer ao governador civil: *porque diabo não anda já o homem aqui?* Elle ficava assarapantado e mandava-o de caminho, pois que, querendo estar de bem com todos, em ultimo caso . . . *mal por mal antes Pombal.* Mas eu, que tenho um infinito desprezo *por elles todos*, cada vez maior, nada disse e tenho continuado a dormir tranquillo.

Ora diga lá isto ao *cavalheiro*, e desafie-o a ter a coragem que eu tenho tido.

Verá como elle fica entupido.

Um Crime!

A carta que se vae lêr é mais uma prova da intolerancia, da barbaridade, da insolencia republicana. E' mais uma prova de que não ha ordem, de que não ha espirito, nem força d'auctoridade, de que não ha nada. Isto é uma anarchia brava. Um desafôro. Para o que não ha senão um recurso: a metralha.

Acham-nos violentos quando pedimos o fuzilamento da canalha? Pois então vão vendo, vão vendo e. . . aturando.

Sr. Redactor:

Samora Correia, 11-1-910

Estou de lucto. Assassinaram-me minha mãe! Foram os da *cauda lamacenta* . . . O caso deve interessar-lhe. Desde que João Franco subiu ao poder, mas principalmente desde o regicidio, em que no meio da comedia geral, levantei sem medo a minha voz de protesto contra os assassinos, e contra os infames, que os defendiam, que se me faz neste concelho a guerra mais atroz. Festejei tambem, conforme pude, a ascenção de D. Manuel II. Outro crime, que irritou os malandrins, que juraram vingar-se! E para isso encetaram uma perseguição de fadistas, desleal e covarde, insuflando o odio nos meus parochianos contra mim. A calumnia e todos os processos baixos foram as suas armas, arregimentando, ao mesmo tempo, arruaceiros e individuos sem reputação para me insultarem publicamente. O estratagema deu o resultado desejado!

A breve trecho eu era odiado, por quem me tinha sempre estimado! Descrever-lhe os insultos, ameaças, provocações que desde então tenho recebido, é impossivel! Chegou o dia 23 d'abril, de triste memoria, e eu que me havia retirado a uma vida muito privada vejo-me rodeado n'um momento por todos os meus parochianos. Tentativas se fizeram logo de principio para os afastar de mim; mas o instincto de conservação foi-os approximando. Comtudo, *a cauda lamacenta da demagogia*, reservou os seus rancores! E como eu os desprezei procuraram umas vinganças e divertimentos selvagens.

Tenho outra freguezia a distancia d'esta, duas leguas. E é na occasião em que me auzento, que os tratantes, fingindo ignorar a minha ausencia, veem fazer provocações á minha janella, fazendo terriveis ameaças, para verem minhas pobres velhinhas, afflictas, escutando, de janella em janella, com o que procuram gozar. No domingo o epilogo foi triste.

Minha mãe que eu deixára com saude e satisfeita ás 8 horas da manhã, almoçava com minha avó, senhora de 86 annos de edade, ás 11 horas. N'esta occasião appareceu em frente da janella um dos taes *da cauda lamacenta,* Jeronymo Costa, que andara de pandega com o *conceituado* arruaceiro Vicente Saramago, que se costumava divertir da mesma forma. Começou por me chamar ladrão, proferindo obscenidades em altos gritos. Minha pobre mãe, que almoçava com certo apetite, quiz levantar-se para fechar as janellas, mas impediram-n'a, mandando que a creada fizesse tal serviço. O tratante continuou com os insultos e minha mãe foi á janella da cozinha, puchando então elle por uma grande faca ou navalha, que disse ser para me matar e ir esperar-me com um revolver e continuou a chamar-me ladrão. As ultimas palavras de minha mãe foram: Meu filho ladrão! . . . E dirigiu-se para uma casa proxima, em reparação, provavelmente para pedir auxilio aos operarios ou desabafar, mas cahiu, fulminada.

Conta agora minha avó que estes insultos eram repetidos e que minha boa mãe chorava, o que elles provavelmente viam e gosavam. Eu raras vezes sabia d'um caso d'estes, porque m'o occultavam sempre. Sr. redactor, se V. presenceasse um quadro, a que assisti ha poucas horas commovia-se até ás lagrimas! Imagine uma mulher no ultimo periodo da gravidez e duas innocentes creanças de 3 e 4 annos de joelhos, agarrados a mim, pedindo-me por alma de minha mãe, que perdoasse a sua morte, e não perseguisse o assassino. Se a vida fosse a minha ter-lhe-ia perdoado cem vezes! A maior responsabilidade moral não é a do Jeronymo, nem a dos outros malandris da sua polpa. A responsabilidade moral de todas estas desgraças é dos malandros cotados, que traiçoeiramente trabalham na sombra, desorientando desgraçados analphabetos, que ficam inconscientes instrumentos dos seus crimes.

Deixe-me passar mais a minha grande dôr que eu hei-de subsidiar a sua historia e hei-de contar-lhe um facto muito significativo dado comigo, ha poucos dias.

De V. etc.

Padre Pedro Felicio Ferreira Tobias.

O Ramires

Sr. Director do Povo de Aveiro.

Não sei se reparou já como eram certas as informações que lhe dei a respeito de Diogo Carlos Ramires, republicano, ex-administrador de fallencias, preso no Rio de Janeiro. E não sei tambem se tem notado o movimento de defesa iniciado na imprensa da quadrilha republicana com o pulha do *Seculo* á frente.

Eu dizia que era provavel elles alijarem o patife, mas vê-se que á quadrilha serviu o exemplo do que se tem passado com o crime de Cascaes. As hostes, aterradas, unem-se a defender mais esse malandro, por certo porque teem medo do que elle possa dizer.

A mim já me parecia que elle devia saber muito e, por isso, ás auctoridades recommendava que o espremessem bem.

Mais uma vez o *Povo de Aveiro* acertou inserindo a minha informação.

E para a completar direi, pois conheço a laia do patife, que elle não hesitará em falar se vir que isso o favorecerá em comparação com o que os republicanos lhe offerecerem.

E' em tudo digno da quadrilha que mandou assassinar o Nunes Pedro e que o *Povo de Aveiro* tão benemeritamente vem destruindo para socego e prosperidade d'este paiz.

V.

P. S. — Chamo a sua attenção para a defesa que o França Borges no domingo fazia do malandro! Como vê, estão preparando o terreno para agradar ao patife de forma que elle tenha a generosidade de os não *encravar* mais.

Veremos se elle se commove . . .

A Soberania Popular

Ei-la aqui:

Lisbôa, 4 | 1 | 1910

Illmo Exmo Snr.ª

Homen Cristo

Ro gulhe o favôr dis eiste encomudo pelo que me leva adiz erlhe con rispeito hó que a cabo de ler no seu jurnal do que eu sou apreciadôr; O que não se póde tulerare e o se guinte a forma como VEx a taca o Regicidio titulando como mostruozo o crime de 1 de Fevereiro; pois premitte me dizêr a VEx, quen mattou o vosso Rei foi os attos que elle preticava o Rei era um homen prigouzo á sussiadade e dos mais prigozos pur que quando querecia de dinheiro pedi os seu menistrus que o servian da milhór bontada pois toudos esses a buzos reprezenta um crime; para esse Rei não a bia un tribunal que o julga se não a bi nada que o pude se pre vir de cometer esses crimes repugnantes feitos con tanta maldade; pois fique serto quen matou o Rei não foi esses homens que o vosso jurnal a quza foi os roubos que elle cometeu junto aos crimes.

Ouve 2 homens que se condueiro e que penzaran, não há tribunal que julgue um ladrão de piór ispessia; pois avemos de seir nos os 2 juizes que o avemo de conde nar e a vemo di o matar se pur ventura V Ex a char justo que se faça un inquerito mais a vera de ser hó commerciante i hó caxeiro Costa que fouran mortas pella apolicia ho menocipal esses e que fouran inucente agora esse Rei preverso que cometeu tanto crime foi justo se eisse Alfredo Luíz da Costa ou Manoel Buica foucen bibos de vião seir condequrados: pur que tenho a serteza pur meno utelidade teen hopeito muitas mudalhas u atual menistro da marinha o que fez Roçado hó mozinho?

dis que toudos ospertidos con qurreiro para a morte do Rei menos os franquista pois esses é que armaran a mão para pratica de un de vêr justo

Disculpeme pur quen iscrebe estas linhas não e doutor para que en tenda se lhe sera prigouzo o seu nôme D VEx mto att un leitor do seu jurnal

Eil-a aqui, á soberania popular. A legitima! Em ortographia e . . . criterio!

Um grito d'alma

Sr. Redactor do "Povo de Aveiro„

Um velho lavrador ribatejano, antigo deputado, e bacharel "como toda a gente„, na phrase caustica e feliz d'um grande pervertido, descobre-se respeitosamente perante o martyr da propria coherencia e hombridade, a quem pede um cantinho no seu honrado periodico, onde, já quasi ao pé da morte, possa depositar grande massa de bilis accumulada na contemplação dolorosa d'este *mare magnum* de immundicie que nos cerca e envergonha.

Sou velho, senhor Homem Christo, e tão velho, que, como simples comparsa e como actor, já vi, applaudi e estigmatisei em varias occasiões e conforme as circumstancias, a obra ininterrupta de quatro reinados, não contando com o actual, que se me afigura desgraçado, se em auxilio do joven e infeliz rei d'esta mais infeliz nação, não correrem, seja d'onde fôr, os verdadeiros patriotas, os verdadeiros homens de bem, que imitem os que em varios periodos calamitosos da nossa Historia abandonaram como Cincinato os seus commodos domesticos, para arrancarem a patria das mãos dos vendilhões . . . de desalmados carrascos.

Temos atravessado e dominado variadas crises, tanto no campo politico como no economico e financeiro, sem que o paiz houvesse soffrido mais que a commoção do momento, graças á sua grande energia, ás suas modelares condições de trabalho, á sua antiga e persistente fé civica, á sua riqueza em grande parte inexplorada, ao seu extraordinario crédito no extrangeiro (hoje infelizmente tão prejudicado), e ainda á nobreza do seu caracter d'outro'ora, que o infame caciquismo, a torpeza politica do nosso tempo, e os tiros traiçoeiros d'assassinos assalariados transmudaram n'uma feição vergonhosa, selvatica, e repulsiva: Porém a crise que n'este instante nos assoberba não é de molde a ser debellada sem sacrificio d'uns insignificantes restos do nosso pudor social, ou então teremos de tombar nos horrores da guerra civil, desde que os antigos salteadores dos cofres publicos se municionam e armam contra o que ainda existe das miserias d'um povo sem escolas, sem assistencias, sem administrações dignas, sem dinheiro, sem credito, sem trabalho, sem pão, e sem futuro!

E emquanto o Douro, o Ribatejo, e outras regiões se defrontam e experimentam as agruras da miseria, rejubilam os gatunos do thesouro e fautores de todas as nossas adversidades, porque Alijó vae triumphar na pessoa d'um dos seus mais descarados caciques, que algumas dezenas d'ambiciosos e cretinos resolveram elevar á chefia d'um partido, que devia ser expropriado a bem da moralidade e para beneficio de nós todos.

Se o principio da democracia não fosse uma *farça* entre nós, e se á frente do povo soffredor se encontrassem homens de vergonha e probidade—verdadeiros patriotas—,os ultimos dias da monarchia estariam contados, com pesar meu, pois que sympathiso com o innocente rei, que as balas d'assassinos impelliram para o throno; além do que sempre fui monarchico, embora fugido ás quadrilhas e isolado n'uma herdade depois de descrente da regeneração dos politicos, sufficientemente nauseado das podridões que ahi escorrem com grande gaudio dos vermes.

Repito, senhor Homem Christo: Se um grande grupo de homens de bem, sem mancha de politicos, não se apressarem a arrebatar das mãos criminosas dos caciques e quejandos esta nossa pobre terra, que elles julgam feudo seu, Portugal soffrerá em breve tempo os horrores da guerra civil, finda a qual o nosso territorio será dividido por inglezes e hespanhoes.

Não é preciso ser augur para se prophetisar isto.

Desculpe senhor Homem Christo estas expansões a

Um antigo advogado.

Borracho

O tombador de queixo

Nós já o sabiamos porco, immundo, abjecto Mas não o sabiamos tanto. Nem ninguem!

Ninguem! Ninguem é capaz de calcular o que chega á redacção d'este periodico! As estupendas informações que sobre a porcaria d'esse malandro cahem n'esta mesa de trabalho!

Faz vomitos!

Temos pena de não podermos, por um instante, abrir uma *secção só para homens.* Temos pena! Porque então publicariamos tudo, tudo quanto recebemos. Os leitores acabariam por desviar os olhos, horrorisados. Mas ficariam elucidados. Oh, ficariam bem elucidados! E no proprio nojo que a leitura lhe inspirava ia uma grande licção de moralidade. Sim, ia uma grande licção de moralidade! A reacção seria, deveria ser, profundamente salutar.

Não podemos. Infelizmente não podemos publicar essas cartas d'admiravel estudo de pathologia social. Nem por isso os nossos informadores deverão deixar de continuar com as suas informações preciosas. Continuem, que o mais importante é estarmos nós elucidado. Nós elucidaremos o publico *com habilidade.* Será uma elucidação indirecta. Nem por isso deixará de ser de grande utilidade.

Nós já sabiamos *muita coisa.* Como toda a gente. Mas, como toda a gente, não sabiamos *nem metade.* Agora, sim, sabemos muito. Mas sabemos muito, porque as informações chovem de *todos os lados.* Assim sabemos o que sabiamos e mais uma grande parte d'aquillo que *os outros sabem.*

Que monstro! Que latrinario!

Como poude esse homem ser elevado á cathegoria de symbolo da *honra,* do *cavalheirismo* nacional?

Pobre terra! O que tem descido a nossa patria!

Porque a verdade é que nem do campo monarchico, nem do campo republicano, partiu, jamais, um grito de protesto contra a investidura do grande miseravel. Heroe de taberna, heroe de prostibulo, as tabernas e os lupanares viram um dia, com assombro, a creatura abjecta ser *dignificada* como o prototypo do brio nacional. Tabernas e prostibulos escancararam a bocca n'um riso d'escarneo. Mas tudo o mais se curvou, humilde, deante do heroe dos lupanares!

Que vergonha! As vergonhas porque tem passado a nossa terra!

E ha quem nos accuse de termos odio profundo ao partido republicano! Não é ao partido republicano. E' ao partido republicano e aos partidos monarchicos. Particularmente ao partido republicano, porque nenhum outro fala em nome da revolução. Porque nenhum outro apregoa virtudes, como elle. Porque nenhum outro pretende santificar a sua causa com a obra pura, virtuosa, alevantada da redempção nacional. Portanto nenhum outro tem a vileza da sua mentira, a infamia da sua hypocrisia. Odiamo-lo, sim. Profundissimamente. Como odiámos sempre a charlatanice, a tartufice, a mentira a fingir de verdade, o vicio embrulhado na capa da virtude. E' uma coisa que nasceu comnosco. Um tartufo fére-nos, como uma punhalada. Um charlatão queima-nos, como um ferro em braza. Deante d'um monstro d'esses bate-nos o queixo, arripiam-se-nos as carnes.

Sentimos os nervos agitados como se uma corrente electrica por elles passasse. A mentira encolerisa-nos. Congestiona-nos. Se vemos um reptil, temos vontade de nos affastar. Mas se vemos um mentiroso, um charlatão, um histrião, um hypocrita, dá-nos vontade de avançar para o estrangular.

O odio, sim, que temos a essa cohorte de pulhas, de ladrões, d'assassinos, de canalhas, de falsos, de histriões, de tartufos, de bandalhos, que constituem o partido republicano em Portugal! O odio!

Os miseraveis, que são o maior escarro e o maior escarneo que sobre a democracia tem cahido na historia!

Mas se os odiamos a elles com um odio profundo, invencivel, arraigado, nem por isso deixamos de detestar profundamente as quadrilhas monarchicas!

Que farçantes, todos! E que covardes!

Quem ergueu nos seus escudos esse porco, esse repellente lacrau, essa osga venenosa e nauseante que se chama Dantas Borracho foi o partido republicano. Quem definiu o Bayard foram os republicanos. Mas quem o consagrou *sans peur et sans reproche* foram os monarchicos.

O Dantas Borracho!

Ride-vos, prostibulos! Exultae, lupanares! Essa lingua, que enchestes d'immundicies, é ouvida em silencioso acatamento na camara dos pares! Camadas e camadas de todo o pus, de toda a pestilenta, immunda, fetida, horrorosa escorrencia dos bordeis se accumula na lingua d'aquelle miseravel. Por aquella bocca tem passado mais enxurro, mais sugo, maior somma de detritos, de fezes, d'excrementos, que, em seculos e seculos, veem passando pela cloaca maxima da velha cidade dos romanos. Nem as giboias, nem os tigres, nem todas as giboias e tigres sommados deitam o halito pestifero que deita aquella bocca quando se abre. Pois aquella é a lingua do paladino da liberdade! Pois aquella é a bocca do mais augusto pae da patria! Quando aquella bocca se abre cahe em extasis a representação parlamentar! Põe-se radiante a democracia! Bate palmas a soberania popular! Sobe galhardamente o brio, a honra portugueza no mastro das glorias nacionaes! Quando aquella lingua se solta para falar, rufam os tambores, troa o canhão, apagam-se as luzes que alumiam nas egrejas a hostia consagrada!

Ride-vos, prostibulos! Exultae, lupanares! Prostitutas, bebedos, viciosos de toda a ordem, lixo da humanidade, alli vae o vosso heroe fardado de par do reino e de general! Alli vae a honra militar! A honra militar! Eis o que é, eis o que vale . . . a *honra militar!* Alli vae o mais augusto paladino da democracia, o primeiro batalhador da liberdade!

Não vos rides, prostibulos? Não exultaes, lupanares? Talvez, sim! E' possivel que haja em vós mais dignidade! E então que venha o auctor do D. João, o actual sucio do Borracho, cantar a vossa redempção!

Miseraveis! miseraveis!

A grande quadrilha

Sr. Redactor.

Pede-nos pessoa de probidade para lhe mandarmos as seguintes notas que enriquecerão a sua notavel galeria de *politicos moralistas celebres.*

Um dia Alexandre Braga a quem o pae não recebia em casa, lembrou-se de casar com uma formosa e honesta menina; e pediu a alguem para communicar a sua resolução ao pae. A pessoa encarregada desempenhou-se da missão e com grande espanto contava que a resposta de A. Braga, pae, que era um homem de bem, tinha sido:

"Pois lamento essa senhora pelo seu infortunio. Meu filho, creio que, até hoje, só não commetteu o crime de homicidio; e se assim é, se não estou em erro, a minha futura nora, senão tambem os meus provaveis netos serão as suas primeiras victimas.„

Realisou-se a previsão de A. Braga, pae. Alexandre Braga, filho, casou, veio para Lisboa, abriu banca de advogado, ganhou no primeiro anno seis contos de réis, por causa do nome que era egual ao do pae, distincto e conhecido advogado, mas o dinheiro dos clientes, que elle sempre pedia adeantado, era gasto nas batotas, com amantes e em ceias no restaurante Silva e em outros. Os clientes começaram a ver o caminho dado ao seu dinheiro e o escriptorio do advogado, que não estuda as questões porque o alcool já lhe tem inutilisado faculdades, ficaria deserto se uma vez por outra não apparecessem Leandros. A esposa e os filhos ahi estão victimas, abandonados e vivendo com privações nos arrabaldes de Lisboa, ao passo que o inclito cidadão, o moralista pregador de bons costumes, continua na capital a frequentar as batotas, explorando o que pertence aos filhos menores de uma cunhada com quem vive amancebado!

Toda a Lisboa conhece estes factos.

O GRANDE MAKABENKO

Sr. Director do *Povo de Aveiro*

Para maior gloria do juiz Silva Monteiro, ahi vae uma que reputo authentica. Um dia, pouco tempo passado depois do regicidio, soube alguem da policia o seguinte: Brincavam dois pequenos e conversavam. Em certa altura da conversa falaram em espingardas e um d'elles disse para o outro:

— Olha! quem lá tem muitas espingardas é meu pae.

— Para quê?

— Eu sei lá! Estão fechadas n'uma casa mas eu já as vi.

Esta conversa foi transmittida á policia e alguem d'esta, julgando prestar um serviço, tratou de averiguar se as espingardas existiam. Mas nada disse a ninguem, porque queria ter a certeza, quando desse noticia do caso, das diligencias para a apprehensão serem coroadas do melhor exito.

Effectivamente, as espingardas estavam onde o petiz indicava. Era mais que verdade. Foi o caso communicado ao juiz Silva Monteiro e este diz-se que, consultando o Ferreira do Amaral, respondeu dias depois ao subordinado que lhe communicara o achado que nada se fizesse porque o governo assim mandava.

E as espingardas não foram apprehendidas!

Seria realmente o governo quem deu a ordem ou foi Silva Monteiro que não quiz ter mais essa maçada?

Sem querer defender tal juiz, pois não tem defesa quem dos seus deveres profissionaes, e até da integridade moral, tão precarias provas tem apresentado, eu julgo que o socio do Grandella, do França Borges e de Alfredo Gallis nos deboches indecentissimos dos subterraneos do theatro da Rua dos Condes, o sr. Ferreira do Amaral, era capaz d'isso e de muito mais.

Esse homem que *obrigou o rei a cuspir*, como v. diz, *sobre os cadaveres do pae e do irmão*, foi o mais desvelado protector da quadrilha de assassinos.

E' preciso dar no juiz, mas é preciso tambem não poupar esse cynico *makabenko*, que não vale mais que os outros companheiros de orgias, que os outros socios de deboche.

Sabendo que o juiz Alves Ferreira era homem para deitar as unhas aos assassinos, o marôto pôl-o logo fóra. Era o seu dever salvar os assassinos que podiam comprometter algum dos altruistas comilões e frascarios das saturnaes saloias dos *bas fonds* do theatro do Grandella.

Se isto não fosse um paiz de velhacos e de bestas, uns para fazer patifarias e outros para ficarem calados por julgarem que estas coisas da politica lhes não influem na vida, ainda haviamos de ver todos estes e quejandos figurões na Penitenciaria uns por assassinos e ladrões e outros por encobridores.

Mas elles é que triumpham e v. e outros que se impõem a rude, a perigosissima tarefa de autopsiar a corja, ainda por cima são cobertos de insultos. Mas não desanime sr. Homem Christo: A verdade, como disse Zola, começou a caminhar.

Constante Leitor.

Regicidio

As invectivas furiosas das ignobeis gazetas republicanas contra o juiz d'instrucção criminal constituem a melhor prova de que este juiz tem cumprido o seu dever. E' motivo para nós o felicitarmos vivamente e, comnosco, toda a opinião séria e independente do paiz.

E' d'esta terra d'Aveiro o sr. dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo. Soubémos da sua nomeação para juiz d'instrucção criminal, como muita outra gente d'Aveiro, um mez antes, ou mais, d'ella se realisar. E dissémos logo, a quem primeiro nos deu a noticia: *E' uma escolha acertada.*

E era. E foi.

E' d'uma velha raça que se extingue, esse homem. Um dos poucos, dos pouquissimos, dos rarissimos exemplares da forte e heroica raça portugueza. Forte no corpo e forte na alma.

E' integro, é intelligente e é resoluto e corajoso. Rapido em conceber e rapido em executar. Colerico, impetuoso. Ao mesmo tempo, paciente e tenaz.

Avante, dr. Antonio Emilio! Bem sabemos que não é preciso dar-lhe alento. Bem sabemos que não é preciso incita-lo. Mas é um dever applaudi-lo, mas é um dever apoia-lo. E este mesmo *avante* não quer dizer senão: *muito bem, muito bem!* Não quer dizer senão: *Comsigo vae a alma portugueza, no que ella ainda tem de resoluto e nobre.*

Era d'aqui, d'esta nossa terra, ou d'alli, d'Ilhavo, que é quasi a mesma coisa, o juiz resoluto e honrado que desfez a quadrilha de João Brandão. Já tinha morto um juiz, a quadrilha! Pesava, com todo o terror do seu banditismo, com todo o pavor das suas ameaças, sobre a magistratura, que via erguer-se a seus olhos o cadaver do infeliz juiz assassinado! Manuel Celestino Emygdio nem um minuto hesitou. Nem um segundo tremeu. A sua acção foi terrivel. A sua sentença fulminante. João Brandão foi para a Africa. A quadrilha ficou desfeita. E Manuel Celestino Emygdio . . . viveu!

A'vante, dr. Antonio Emilio! Mantenha as tradições da sua patria, em geral, e de esta terra em que nasceu, em especial.

A'vante, dr. Antonio Emilio! Bem sabemos que a quadrilha republicana, por um lado, a quadrilha dissidente, e, em regra, todas as quadrilhas monarchicas, são muito mais perigosas que a quadrilha de João Brandão. Muito mais perigosas! E'-o só a quadrilha republicana. Quanto mais a quadrilha republicana alliada ás quadrilhas monarchicas! Mas, por isso mesmo, vivo ou morto maior será o valor do seu nome ou da sua memoria.

A'vante, ávante, dr. Antonio Emilio! A'vante!

E' uma vergonha, o que se está passando a proposito do crime de Cascaes. Uma grande vergonha! Porque, no fim de contas, são portuguezes esses bandidos que, em nome da *justiça* e do *direito dos cidadãos*, se erguem em revolta porque houve um magistrado que *ousou* descobrir os *criminosos de Cascaes!*

São portuguezes! E dizem-se *democratas!*

Que vergonha!

Mas, uma vez que é assim, maior tem de ser o esforço, a energia, o severo exemplo de castigo e de virtude a dar pelos que conservam o substractum da velha, honrada, heroica alma nacional. Uma vez que é assim, mais preciso e urgente se torna que alguem salve o brio e o decôro de esta patria. A'vante, dr. Antonio Emilio, ávante! Não se embaraçe nem se perturbe com o clamor dos miseraveis. Mantenha a sua serenidade e esmague-os.

E' um relevantissimo serviço á ordem, á moral publica, a esta pervertida sociedade. Esmague-os!

O crime de Cascaes está descoberto. Mas falta o outro: o do Terreiro do Paço. E sem a descoberta d'este crime não está ferido de morte o banditismo em Pertugal. E' preciso feri-lo de morte. Ou não ha salvação, nenhuma salvação, para esta pobre patria.

Como já dissémos, não se trata d'um crime revolucionario. Não e não! O anarchista mata sempre em nome d'uma idéa. O anarchista mata sempre por um interesse moral. Ora o rei D. Carlos foi morto, simplesmente, por um interesse material.

Quem matou o rei D. Carlos foram os ladrões da monarchia. Foram os comedores a quem elle, por momentos, elevou a mangedoira.

Quem matou o rei D. Carlos foram os cynicos tratantes que toda a vida tinham troçado da liberdade, da democracia, dos *immortaes principios*, da soberania popular. Foram os tratantes que viviam dos *adeantamentos*, das sinecuras, de todos os acepipes, iguarias, e babugens, até babugens, apanhadas na mesa orçamental.

Quem matou o rei D. Carlos foram os que o incitaram ao *governo pessoal*, foram os que entoaram homilias ao *engrandecimento real.* Foram os Alpoins, os Centenos, os Azevedos, os Arroyos, os Navarros, os Ribeiras Bravas.

Ou a justiça é uma mentira, uma completa mentira, ou a justiça ha de fazer vingar esta verdade.

Nós não queremos dizer com isto que fosse o sr. José d'Alpoim, o sr. João Arroyo, o sr. Alberto Navarro ou o sr. Visconde da Ribeira Brava. Não sabemos. N'esta redacção chovem as mais tremendas informações a esse respeito e algumas *com todos os visos de verdade.* Chegam até nós accusações directas, a este e áquelle, que nos deixam assombrado. Não as publicamos, — embora os seus auctores tenham tudo a ganhar em nos pôr em dia com esses factos, pois o essencial é orientar-nos,— porque não podemos fazer, sem provas, accusações de caracter directo e individual. Mas sem queremos dizer que o sr. Alpoim, o sr. Alberto Navarro, o sr. Visconde da Ribeira Brava, o sr. Centeno, e outros, tomaram parte na conspiração de que resultou a morte de D. Carlos, a verdade é que eram elles, politicos desacreditados, politicos cynicos, a quem a liberdade, o suffragio, a soberania popular, os *immortaes principios* nunca tinham inspirado senão troça, para quem os interesses da fazenda, do thesouro publico, não valiam um caracol ao pé dos interesses proprios e dos interesses partidarios, quem formava a athmosphera de suspeições e de revolta de que resultou a morte de D. Carlos.

Quem era o sr. Visconde da Ribeira Brava? Qual a sua auctoridade? Qual a auctoridade do sr. Alberto Navarro? Qual a auctoridade do sr. Centeno, do sr. Alpoim, de todos os ferozes campeões da revolta contra João Franco e D. Carlos?

Quem pregava a *honestidade publica* eram elles. Eram elles quem falava em nome dos *interesses do thesouro* e em nome dos *interesses da liberdade.* Se não entraram directamente na conspiração de que resultou a morte de D. Carlos, foram elles, a quem se associaram os bandidos republicanos, a causa indirecta da tragedia do Terreiro do Paço. E é muito justificadamente, muito logicamente que a opinião publica, *embora erradamente*, os aponta, a alguns d'elles, como membros da conspiração que tirou a vida ao chefe do estado.

E' preciso acceitar os factos como os estabelece, á falta das provas concludentes, um raciocinio regular. Ora a logica, a grande logica, é essa. Não teem de que se queixar.

Seja como fôr, o que é tambem logico, e d'uma logica bem clara, é que o crime de que resultou a morte de D. Carlos foi um crime motivado em **interesses materiaes** e não em **interesses moraes, um crime commum** e não um **crime politico, um crime de ladrões** e não um **crime de revolucionarios.**

A' face da logica, á face do bom senso, isto não offerece a menor duvida.

Foi um crime monarchico. Associaram-se a elle os republicanos? Associaram. Uns, os principaes, por *banditismo*. Outros, o menor numero, por ingenuidade. Mas estes foram instrumento. Mas estes foram burlados. A sua participação em nada tira ao crime o caracter de **crime burguez, de crime commum, de crime de ladrões lesados e despeitados.**

Esses, os ingenuos, foram burlados. Como todos os socialistas e anarchistas da Europa e da America que, no primeiro instante, receberam e applaudiram o crime como um crime revolucionario.

Uma burla! Uma das maiores burlas da historia!

E', pois, necessario, que o dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo ahi concentre toda a sua intelligencia e toda a sua actividade.

Descubra os assassinos do rei, dr. Antonio Emilio, que liga o seu nome ao maior serviço prestado á ordem, á disciplina social, á justiça, á verdade, que, n'este instante, se poderia prestar n'esta patria desgraçada. Não recue deante de *coisa nenhuma.* Encontra entre os assassinos um marechal, dois marechaes da politica monarchica? Mas que perde a monarchia, mas que perde a sociedade, com a falta d'esses bandidos, d'esses miseraveis?

Não perde nada. Formidavel insensatez, se alguem julga o contrario!

Mas sobre este ponto importante conversaremos com mais vagar no numero immediato. E entretanto lhe repetimos:

A'vante!

A'vante!

Salve-se uma vez, ao menos, a justiça, e o decôro d'esta patria.

Informações

A titulo de curiosidade, ahi vão essas duas cartas que recebemos.

Mas o Alpoim, na verdade, fugiu no dia em que foi morto o rei, ou já tinha fugido?

Se foi antes, como me parece, a historia do Pinzio não pode ser verdadeira. Mas se, realmente, Alpoim fugiu na manhã de 1 de fevereiro, ou mesmo na noite de 31 para 1 de fevereiro, o caso, a confirmar-se, é sério. Muito sério!

Sr. Director do *Povo de Aveiro*

Antes de mais nada quero felicital-o pela sua nobre e desassombrada attitude; isto no tempo presente constitue uma virtude; continue assim que tem a seu lado todos os portuguezes de consciencia sã.

V. lembra-se d'aquelle celebre varino que o Buiça levava vestido no dia do crime, e que desappareceu do Juizo de Instrucção, conforme o ex-juiz Silva Monteiro declarou ao director do *Illustrado*? Pois esse varino está em poder de um correligionario do Affonso Costa, que móra para os lados das Escolas Geraes; que nos seus momentos de ternura se abraça a elle e o beija, exclamando: "Tu fostes o nosso salvador.„ Ha um policia que sabe d'isto, (que aliás nada tem com o caso) o que devia era ha muito tempo ter dado d'isto conhecimento aos seus superiores. Creio que o actual Juiz de Instrucção já estará informado do caso, e não sei se já faria regressar o varino ao logar onde devia estar, porque é um instrumento do corpo de delicto.

Archive mais este pormenor para os devidos effeitos.

Lisboa, 12-11-910.

Um seu admirador.

—

Sr. Director.

Nunca as mãos lhe doam.

A obra de saneamento que emprehendeu é difficil e arriscada, mas é nobre e justa.

Vou dar-lhe uma noticia que me parece importante.

No dia em que foi assassinado D. Carlos, o Alpoim, fugindo desordenadamente, perdeu-se e foi parar a Pinzio, concelho de Pinhel. Alli o Rev.º Parocho, homem abonado e dignissimo, convidou o Alpoim e companhia a irem comer a sua casa, visto não haver na terra hospedaria.

Ora um dos companheiros do Alpoim disse ao ecclesiastico:

"A estas horas devem ter matado o rei.„

E' um outro caso como o do *Ah, valente Buissa!*

Quem disse aos companheiros do Alpoim em Pinzio, poucos momentos depois do crime ter sido commettido em Lisboa, que o rei deveria a essa hora estar morto?

O Rev.º Parocho de Pinzio é homem digno e delicado, e se V. ou alguem o interrogar, estou certo que dirá a verdade.

Bello serviço prestaria V. ao Alpoim!

Do V. etc.

11-1-910.

Admirador . . .

Tartufos

Na occasião em que os malandros andam a gritar contra o juiz d'instrucção criminal por fazer buscas domiciliarias n'um *crime de homicidio*, esta vem mesmo a matar.

Sr.

Levamos ao seu conhecimento mais uma tratantada do dr. Affonso Costa, feita no processo Esteves Ribeiro:

Aquelle figurão arvorando-se n'esta cidade em chefe da policia judiciaria do Porto, que aqui estava ás ordens d'aquelle senhor, effectuou uma busca na freguezia de Vermil, d'esta comarca, na casa do sr. dr. Antonio Marques da Silva Lopes, onde só se achava a esposa d'aquelle doutor e seus filhos de menor edade, e ahi entraram sem ordem superior, e, abusando da ausencia do sr. dr. Marques, mexeram-lhe todos os seus papeis de advogado.

E não contentes com isto abriram-lhe um armario, onde guardava varias fructas, e, sem auctorisação alguma da dona da casa, que se achava bastante assustada por não estar presente seu marido, comeram-lhe grande quantidade de pêras, facto este que foi discutido e bem censurado em audiencia, quando em julgamento do processo, pelo sr. dr. Francisco Joaquim Fernandes, a quem V. poderá pedir largas informações sobre este caso, porque melhor do que eu poderá dar grandes elementos para tal fim.

Ha testemunhas no processo que deposeram nos seus depoimentos sobre este facto.

No tribunal, quando da interrupção ordenada pelo juiz, havia amigos do sr. dr. Marques, que se iam agarrar a elle para evitar o encontro d'este com o Affonso Costa; pois aquelle queria alli mesmo, no tribunal, tirar restrictas contas ao Affonso Costa, pela maneira porca, indecente e atrevida com que entraram em sua casa na sua ausencia, chegando ao extremo de lhe comer as pêras e varias fructas que lá tinha.

Como deixamos dito a V., se V. fôr amigo ou tiver pessoa amiga do sr. dr. Francisco Joaquim Fernandes, ou de qualquer advogado de esta comarca, poderão elles dar a V. noticia de factos praticados n'esse famoso processo que porão pelas ruas da amargura o celebre Affonso Costa. Ha coisas d'esse cavalheiro que ninguem n'este mundo as poderia praticar senão elle.

Desculpe V. fornecer este episodio assim mal escripto, mas como leitor do *Povo de Aveiro* e apaixonado pelos escriptos de V., temos gosto que saiba de tudo contra o Affonso Costa & C.a, pois que tambem teve parte em grandes proezas o dr. Germano Martins, companheiro e secretario d'aquelle.

Um vimaranense.

P. S. Muito desejavamos que V. passasse uma vista d'olhos pelo processo Esteves Ribeiro.

O Margarido

Sr. Director do *Povo de Aveiro*

Tem V. contado muitas coisas interessantissimas a respeito do França Borges, mas algumas ainda não disse e que, apesar de antigas, não são menos significativas nem menos interessantes como notas para a biographia completa d'esse futuro ministro da republica portugueza.

Tenha, pois, a bondade de ouvir:

O França Borges começou a sua vida jornalistica na "Vanguarda„ com Faustino da Fonseca, Carlos Calixto, etc. Foi sempre, como outros que ahi ha, um jornalista que só uma grande força de vontade póde produzir, encurralado na profissão por não ter engenho nem aptidões para outra.

E', como V. sabe, um typo funebre, parecendo trazer lá dentro alguma colossal patifaria a pesar-lhe na consciencia. Foi sempre um mau companheiro para quem o não deixava na lucta occupar o primeiro logar. Veio da "Vanguarda„ com o Alves Correia para o "Paiz„ e subiu a chefe da redacção mais pela sua baixa lisonja junto de Alves Correia do que por meritos proprios.

A esse tempo tinha elle arranjado uma amante que o sustentava, nos intervallos em que não tinha emprego. Era uma mulher que não sei se era casada ou solteira, e com quem elle sahia de braço dado por essas ruas fóra. Essa mulher passou-lhe mais tarde o pé com um d'esses socialistas pregadores de associações operarias que abandonou o officio por esse mais rendoso de viver á custa alheia pregando asneiras balofas e idiotias contra a burguezia e o capital.

A mulher tinha dinheiro, e, emquanto elle durou, o successor do França Borges, ao que me consta, passou vida folgada.

Depois d'essa é que veio a Margarida. O "Paiz„ fôra vendido por Alves Correia a um grupo de republicanos e tinha como director João Chagas, que naufragara com a "Marselheza„.

João Chagas, obrigado a fugir para Hespanha, mandava de lá poucos artigos e muitos saques o que fez com que os socios aborrecidos e damnados com o *canudo* vendessem o jornal.

Tendo ido parar ás mãos de José Benevides, este naufragou tambem e os restos entregou-os ao França Borges. Estava então o jornal na Praça de Camões, 6, onde estão hoje os consultorios de Egas Moniz e Antonio José d'Almeida.

O que á noite se passava na redacção era phantastico e até veio a publico, mais tarde, contado por uma testemunha presencial.

A *Margarida* entrava como senhora na redacção da "Patria„. Então ainda era "Patria„. E razão tinha porque o seu dinheirinho ali ardia tambem. Em geral não vinha só. Varias pupilas a acompanhavam. Ella fechava-se, com o França Borges, e cá fóra as companheiras desforravam-se n'uma pagodeira desenfreada. Sentavam-se sobre a meza da redacção, nas pernas dos redactores, emfim, onde lhes parecia ou as mandavam, despidas, que diabo! de intuitos gananciosos como a patroa.

Um dia o França Borges fez qualquer partida a um dos redactores, e este foi a outro jornal republicano onde um correligionario em evidencia lhe publicou uma carta em que todas estas porcarias se contavam e mais a seguinte:

Que um dia estando no restaurante Leão, da Rua de Principe, vira entrar o França Borges pelo braço da Margarida das Flores. Sentaram-se os dois a uma meza e jantaram. No final o creado veio receber a conta e quem puxou do dinheiro e pagou foi... a Margarida das Flores.

O jornal republicano que publicou a carta foi "A Folha do Povo„ e quem a assignou foi "Lino Cardoso„ que ahi está vivo e são na repartição de contabilidade do ministerio das obras publicas.

A carta foi publicada em 1899 ou 1900.

Como se vê, é um pormenor interessante, que não deve esquecer-se, para ver de que qualidade são os ferozes jornalistas que diariamente pedem moralidade e acusam de desqualificados e indignos os que não pactuam com tanta patifaria.

A.

O preço do POVO DE AVEIRO avulso é de 20 réis

SOBRE INSTRUCÇÃO

Meu prezado amigo.

Muito obrigado pela publicação da minha carta (1) e muito obrigado pelas suas amaveis referencias. Apaixonam-me vivamente, é verdade, as coisas da instrucção pelo amôr dos principios e pelo amôr aos meus filhos. Tenho para mim, como aliás é a opinião da gente sensata, que nada se fará de util e duradoiro sem uma remodelação completa na instrucção desde a primaria á superior.

E tem de começar pelo professorado.

Temos uma verdadeira crise de professores. Nos liceus campeia a interinidade. E' raro vêrmos um rapaz, saído das escolas superiores, preparar-se devidamente para o magisterio e fazer o seu concurso para professor do liceu. Exames só os fez emquanto esteve incubando o seu bacharelato! Para quê mais um exame, um concurso eriçado de difficuldades? Nada! Inscreve-se a gente como candidato a professor interino para qualquer disciplina de qualquer grupo, ou para varias disciplinas, pois que o nosso bacharel é omnisciente, uma boa cunha como viático, e ahi temos um professor. Está o meu bom amigo a vêr o professor que d'ahi sae . . .

E depois nem os professores por concurso são de inspirar muito mais confiança. Mesmo os que sabem, os mais scientificamente probos. Porque o saber uma coisa não implica fatalmente a capacidade para ensina-la. A grande maioria dos professores desconhece a pedagogia; d'ahi a ignorancia das necessidades dos discipulos, o desconhecimento dos methodos d'ensino. Ora, com o magisterio que ahi está como é que se pode aprender alguma coisa?

Nem com bons programmas, nem com bons livros.

Os programmas são maus. Deficientes até á reforma João Franco, muito carregados na reforma d'este, segundo a opinião dos entendidos, e pouco em relação com a mentalidade dos estudantes porruguezes e dos mestres portuguezes. Actualmente, não sei se são deficientes se são exorbitantes. O que sei, o que tenho visto, é que ha estudantes, muitos estudantes, com uns poucos de annos de francês que mal traduzem a *sua* selecta, e tambem, pelo que tenho visto, não ha um estudante de alemão, a não ser aquelles que foram para o liceu já ensinados por mestres alemães, que saiba os verbos irregulares, ou tão sómente declinar conjuntamente um substantivo precedido do artigo e um adjectivo!

Em sciencias naturaes, que é ainda assim (refiro-me ao liceu de Coimbra) onde ha melhores professores, o que tenho visto é bem pouco animador.

A respeito de livros é uma desgraça. Ha em Lisboa uma commissão encarregada da escolha dos livros para os liceus. Pois o que tem succedido, o que ainda este anno succedeu, é abrirem-se as aulas sem que para grande numero haja livros devidamente aprovados.

Não ha uma gramatica portugueza razoavel.

Não ha livros de leitura bons para a lingua portugueza. As gramaticas das linguas estrangeiras, escriptas em portuguez, são em geral detestaveis.

Os livros de physica, botanica, zoologia cá dos nossos escriptores são, em regra, adaptações mal feitas e mal traduzidas. Para obviar a esta deficiencia da livraria nacional, recorrem aos livros estrangeiros. Mas, se os rapazes mal traduzem o francez, como hão de estudar proficuamente por livros francezes, que são os unicos que, salvo raras excepções, os nossos mestres liceiaes conhecem?

Ora, depois d'este balanço aos meios e recursos da instrucção secundaria, diga-me o meu bom amigo como é que eu, que tenho dois rapazes, não me hei de interessar pelas coisas da instrucção. No meu paiz não ha escolas industriaes modelares e *não ha industria*, no meu paiz não ha escolas comerciaes nem *comercio* á altura. Os rapazes naturalmente não querem ser padres, eu não os posso fazer capitalistas. Não tenho meios para os mandar educar no estrangeiro. Para empregados publicos ou para ministros, não me parece que valha a pena. O que está então indicado nas minhas circumstancias? Uma solida instrucção secundaria como preparação a um bom curso superior que elles escolheriam com conhecimento de causa.

Mas aqui está a grande dificuldade. Dada a falencia da instrucção em Portugal, como é que eu posso ter esperanças na futura educação dos meus filhos?

Ora era esta a campanha que eu gostaria de ver aberta em todos os jornaes. Era esta a questão que eu queria ver debatida no parlamento, agitando as consciencias, erguendo os homens de bom pensar do meu paiz. A instrucção, como o pão, são questões vitaes. D'ellas depende a vida do individuo e a vida da colletividade.

De vez em quando um jornal dos da grande

(1) A que foi publicada no numero anterior sobre a nomeação de Ferreira Deusdado para reitor do lyceu de Angra.

circulação abre fogo mais ou menos intenso contra este estado de coisas. Fala, declama, invectiva, arranja mais um cento de assinaturas e... volta ao silencio amigo.

Ahi tem o meu amigo a «Lucta»: Alguns artigos de fundo sobre instrucção, bem feitos, realmente. Mas, a maior parte das vezes, puras abstracções, muito eruditas, muito dogmaticas.

Outras vezes lá veem uns artigos mais definidos, mas com aquelle feitio literario de Camacho, piadista e sceptico. A gente lê, saboreia a piada, ri e passa adiante. De mais a mais com a auctoridade moral do cavalheiro que tem no seu activo a greve academica.

Que saudades eu tenho, meu bom amigo, dos seus artigos sobre instrucção, aqui ha annos publicados no seu *Povo de Aveiro!*...

Que bela ocasião aquela que os republicanos da nossa terra tinham (se tivessem juizo) para erguerem bem alto a bandeira e seguirem n'essa campanha, com tanto mais vantagem que V. lhes fornecia nos seus artigos boas e numerosas munições!

Emfim, ainda me resta a esperança de o ver voltar da jornada heroica em que o meu amigo se empenhou, de desfazer a golpes de montante as quadrilhas partidarias, ao estudo dos problemas sociaes que tanto o apaixonam (como eu sei) e cuja resolução tanto nos importa.

Perdôe-me a longa maçada d'esta carta, mas ha horas em que, se a gente não desabafa com um amigo, adoece.

Diz muito bem, em tudo, o nosso amigo. A' parte a competencia que nos attribue, tambem nós lamentamos que as circumstancias nos fizessem abandonar temporariamente as questões d'instrucção e o estudo de todos os problemas sociaes, que, realmente, nos apaixonam. Mas a culpa é toda, como o nosso amigo menciona, dos republicanos. Infelizmente foi preciso limpar, primeiramente, a estrada de bandidos os quaes tornavam impossivel todo o esforço e todo o progresso regular. Quizémos, cem vezes, levar os republicanos ao terreno do bom senso e da verdade. Espalhámos idéas ás mãos cheias. Diffundimos, sem avareza, todos os conhecimentos que haviamos adquirido com o nosso estudo e a nossa edade. Impossivel! Primeiro tem de funccionar o cacete e a metralha. E' como que uma grande estrada a abrir pelo matto fóra! Depois circularão os vehiculos do progresso, do trabalho.

Mas havemos de regressar, sim, d'essa jornada. E n'esse dia voltaremos com o maior prazer aos calmos e importantes estudos sociaes.

DE LISBOA

10 de janeiro.

Quem tiver observado o que se passa nas fileiras republicanas, não pode deixar de ter vindo notando o mal estar dos *santos redemptores* que se propunham salvar o paiz das garras dos socios monarchicos que com elles se entenderam sempre. Esse mal estar, que o *desqualificado* do *Povo de Aveiro* provocou á gargalhada e a azorrague, manteve-se no estado latente durante tempo, em nome da disciplina partidaria, como se houvesse disciplina que podesse conservar republicanos sinceros muito tempo, ligados a exploradores corruptos, aos quaes só a confusão e a demagogia convem. Monarchicos ou republicanos *arrangistas,* nem monarchia nem republica, nem qualquer forma de governo sério admittem. Querem a anarchia do Poder que tolere a da rua para melhor governarem a vida, embora sob a divisa de *libaraes* e na defeza dos interesses do povo, que são diametralmente oppostos aos seus. Durante muito tempo Magalhães Lima na *Vanguarda* declarava o jornal *republicano independente*, mas estes e outros factos passavam sem reparo; a disciplina mantinha os correligionarios em respeito, apezar de ser frequente ouvir a conceituados republicanos: «Então V. imagina que o A. Costa ou o A. Braga serão algum dia ministros com a Republica? Queremo-los como elles são e pelo que elles valem. Para berrar e fazer reclame á canalha e nada mais.»

Isto era o que se ouvia nos centros de conversa. Mas aquelles que só serviam para arengar á canalha não eram tolos e entenderam que era preciso cuidar de si e resolveram explorar não só a canalha, mas tambem os que os não queriam para ministros. Então pelo jornalismo, pela advocacia, pela medicina e pela sinecura a quadrilha engrossou, e por tal forma que não tendo o dividendo augmentado em relação ao augmento do divisor os quocientes vinham cada vez mais pequenos. Foi n'esta altura,—quando era preciso reduzir o divisor, que elles resolveram lançar-se no crime impellindo para elle correligionarios inconscientes,—que se deu o crime do Terreiro do Paço e o digno director do *Povo de Aveiro* lhes sahiu á frente surprehendendo-os preparados com mais crimes, para poderem fazer uso da gazua que os monarchicos não lhe disputavam por cobardia, esperando serem contemplados na partilha.

Naturalmente contrariados, vociferavam uns contra os outros, mas na imprensa e nos seus clubs mantinham-se disciplinarmente. Pois agora até essa disciplina desappareceu. O partido republicano está atacado de mal de morte, a julgar pelos symptomas que só os cegos que o quizerem ser deixarão de vêr.

Republicanos houve já que escreveram a jornaes monarchicos declarando que se desligavam do partido; Zé Barbosa em uma conferencia atacou as alfurjas republicanas; A. Fortes escreveu;

«O republicanismo em Portugal perdeu propriamente o caracter doutrinario que é pertença das ideias que começam a insuflar-se no espirito nacional, etc. O republicanismo portuguez, hoje um meio favoravel á satisfação de muitas vantagens materiaes, para elle veem muitos, que em todas as sociedades e em todos os tempos existem, que ao ventre prestam exclusivo culto. Entram pela porta aberta do republicanismo, nada trazendo que represente uma ideia generosa e alevantada, mas abarrotando de intemperados desejos que a todo o custo hão de satisfazer, muito embora compromettam a integridade da causa que dizem deffender. O ser republicano é, hoje, em muitos casos manancial de riqueza, honrarias e considerações, para quem, a maior parte das vezes, no campo monarchico, por muito cheio e explorado, já só muito difficilmente podia furar.

. . . . . .

Entre nós o republicanismo está a cahir n'um partido de regedoria, sem grandeza moral que o imponha e nos faça alimentar a esperança de que a sua acção alem de benefica, se torna indispensavel para o bem publico.» Isto foi escripto ha dias por A. Fortes, um professor e republicano conceituado. A. Braga teve ainda ha poucos dias de ir explicar-se a uma alfurja por causa do julgamento do Leandro, e como se tantas provas não bastassem para demonstrar a *harmonia*, e a *desqualificação* do director do *Povo de Aveiro* que os desnorteou fazendo vir a supuração o pus do republicanismo, ainda hontem á noite no Centro A. José d'Almeida houve censuras a Brito Camacho que foram coroadas por vozes da assembleia:

«A *Lucta* não é um jornal republicano! Ora bolas! Ora o sr. dr. Brito Camacho . . . etc;» sem que da parte do presidente Cunha e Costa ou de qualquer republicano presente houvesse o menor protesto. Pode o directorio declarar que não tem orgão na imprensa etc.; para os proprios correligionarios é tido por imbecil; porque as *cantatas* do *Mundo* e do *Seculo* que no dizer de Camacho estão explorando o *coupon* republicano, defendendo faccinoras e atacando o Juizo de Instrucção Criminal, são vistos pelos proprios correligionarios como um enxovalho ao partido que para ser digno não pode ser composto de criminosos nem com elles solidario.

Mas já é tarde talvez para o Directorio proceder energicamente . . . E' talvez melhor deixar dissolver o partido completamente.

Os casos curiosos da semana ficam para outra vez. Ha muito a dizer com respeito á nephelibatice do sr. Beirão ter feito o adiamento, querer uma reforma eleitoral d'accordo com os chefes dos partidos, pondo de parte naturalmente os interesses do paiz que continuam a ser antagonicos com os dos partidos; da dissolução do *blóco* para ser facilitada a eleição do sr. Teixeira de Souza continuando o sr. Alpoim ligado e a ser torpeço etc.; e sobre tudo como medida de fomento da riqueza publica e da *moralidade*, depois de tantos annos de vida parada, havemos de tratar do *grande projecto* da regulamentação da batota!!

Ignotus.

Provincias

Lagos

No proximo numero publicaremos a correspondencia d'esta localidade.

A carta anterior, a que o correspondente se refere, não a recebemos.

COMMUNICADO

Aos ex.mos srs. ministro do reino e director geral da Instrucção Primaria

O professor de Bemlhevae e o sub-inspector de Moncorvo

II

O despreso inaudito do professor de Bemlhevae pelo ensino é sabido não só em todo este concelho de Villa Flor, mas tambem em todo o circulo escolar de Moncorvo. E' sabido especialmente por esta povoação que o tolera e pelo sub-inspector que dissimuladamente o protege. E' sabido pelo senhor Director Geral a quem varias representações têm sido dirigidas sobre o assumpto. E, para que o saiba o senhor Ministro do Reino, vimos dizer aqui:

Que o referido professor não abre em alguns dias lectivos a escola a seu cargo;

Que, quando a abre, se não demora n'ella a quarta parte do tempo designado por lei;

Que durante este pouco tempo dorme em vez de ensinar;

Que n'outros dias dá no sino da egreja o signal de entrada, a que vulgarmente se chama tocar á aula, e vae seguidamente para as suas propriedades rusticas tratar da lavoura á qual se dedica mais do que ao ensino, o que lhe grangeou o epitheto de um bom lavrador e um reles professor.

Estes e outros factos que agora omittimos são a genuina e pura expressão da verdade e constam de processos disciplinares ha tempo instaurados contra o desleixado professor, processos que parece dormirem o somno dos justos. Taes factos e processos, as representações que a estes deram causa e a dissimulada protecção do sub-inspector constituirão o assumpto dos nossos tão modestos quanto despretenciosos communicados posteriores.

Bernardo José Affonso Gonçalves.

Vária

Sociedade de Moral da Natureza

M. Deshumbert, fundador da *Ethies of Nature Society,* d'Inglaterra, e auctor do livro intitulado *A Moral da Natureza* em que partindo do principio de que a natureza impoz a todos os seres vivos, incluindo o homem, certas necessidades, e lhe attribue no Universo uma certa finalidada, esboça um conjuncto de regras moraes para todos os ramos da vida, acaba de fundar em Paris uma nova sociedade de cultura moral inspirada n'estes principios.

Após as primeiras reuniões acorreram a agruparse em volta da nova sociedade grande numero de membros e é de esperar que adquira em breve grande influencia, entrando n'um periodo de incessante actividade. Durante este anno realisar-se-ha uma longa serie de conferencias sobre a applicação dos principios moraes á educação.

E' uma boa obra, essa que estão fazendo em Paris homens da cathegoria de Deshumbert e Redolpho Broda e cremos que triumpharão inteiramente os seus esforços.

Mas se fosse em Portugal!...

—†—

O Futurismo

O auctor da *Vida carnal*, o *Rei Bombance,* os *deuses vão-se mas d'Annunzio fica* e illustre director da conhecida revista italiana que se intitula *Poecia*, rassegna internacionale, e que pode orgulhar-se de ter "publicado versos inéditos dos maiores poeta contemporaneos„, como Frederico Mistral, G. D. Annunzio. Sovinburne, Jean Richepin, Fernand Mazade, Jean Moréas, Verhaereu, H. de Régnier, Stuart Merril, Gustave Kahu, etc, acaba de organisar em Milão um grande movimento litterario e politico que sob o nome de *futurismo* está tomando grande incremento em todo o mundo.

Este movimento, audacioso e profundamente revolucionario, que tem a adhesão de algumas das maiores capacidades da França e da Italia, parece-nos contradictorio e flagrantemente injusto em muitos pontos do seu programma, anti-social por excellencia. Ou, pelo menos, esse programma é excessivamente laconico e nebuloso e carece de explicação e desenvolvimento.

Que se expliquem os *futuristas!*

—†—

A finança no theatro

Só faltava agora que, vendido o jornalismo, morta a critica litteraria pelos réclames dos editores, assassinada a pintura pelos negociantes de quadros, como diz o brilhante escriptor Victor Méric na revista *Hommes du Jour,* de que é directora, só faltava agora vêr o theatro esmagado pela alta finança que em França d'elle dispõe como quer e para o que quer.

Victor Méric lançou o grito de alerta e os cantores dramaticos francezes, vão pôr-se em guarda contra mais essa proeza do capitalismo que tudo açambarca.

Pelo theatro

Jules Renard não é um orador e não lhe agrada a conferencia. E' sempre com reluctancia que accede a convites d'esta ordem porque, diz o notavel escriptor, para obter applausos e não maçar o publico é necessario servir de trucs, de *ficelles* que prejudicam a inteireza da verdade.

Entretanto, a instancias de Antoine, o illustre director de Odeon. Jules Renard fizera, em março do anno ultimo, uma conferencia sobre o *Casamento do Figaro*, cheia de espirito, de novidade e encanto. Mas as creaturas intelligentes que o applaudiram haviam perdido a esperança de voltar a ouvi-lo porque é notoria a sua anthipathia por esta forma de exhibição.

Vemos agora com surpreza que o Odeon annuncia, para este inverno, seis conferencias de Jules Renard.

O publico francez precisa bem de ouvir verdades dictas pela bocca d'um homem como este, com toda a sua sinceridade e a claresa que põe em todas as suas palavras.

Ainda bem.

—†—

União dos livres-pensadores e livres-crentes para a cultura moral—Paris

Conferencias que se realisarão ainda este inverno em Paris promovidas por esta sociedade:

16 de Janeiro — *A neutralidade escolar,* por M. F. Buisson, deputado do Senna.
30 de janeiro — *Papel na Fé da educação moral,* pelo padre Henri Momier
13 de fevereiro — *A educação sexual,* por M.me Avril de Sainte—Croix.
27 de fevereiro — *A Biblia na Educação moderna,* pelo padre J. E. Roberty.
13 de março — *A educação social da creança,* pelo professor de philosophia M. Parodi.

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felisminno Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento, 102 a 104; Kiosque Flor d'Esperança, rua D. Carlos I. F. Gonçalves, Rua de S. Bento, 181; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza aos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; F. G. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho, 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria Vieira da Cruz, rua de Santo Antonio; Kiosque da avenida superior da ponte de D. Luiz I; Tabacaria Alberto Ferreira, rua Alexandre Herculano, 256; Carlos Alberto Guimarães, Rua Formosa. 251; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Mattosinhos—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens 100
Coimbra — Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto.
Alcobaça—Antonio Vazão.
Gouvela—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp
Leiria—Jayme Monteiro.
Portalegre—João Gervasio Coelho, Largo da Sé.
Vendas Novas—Joaquim Maria de Andrade—*o Varino.*
Setubal—Manuel Tavares.
Arronches—Miguel Maria.
Espinho—Kiosque Reis.
Molta do Ribatejo—João Baptista Mouro.
Vizeu—Kiosque do Rocio.
Chaves—Annibal de Barros.
Villa Real — Agencia de Publicações de Antonio de Neutel C. da Mesquita.
Villa Velha de Rodam — Antonio da Cruz Pinto.
Mangualde — Bento d'Almeida Campos.
S. Thiago de Cacem—Joaquim Gervasio.
S. Pedro do Sul—José Augusto d'Almeida.
Fáro—Francisco Matheus Fernandes.
Evora—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21.
Cascaes—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea.
Villa Nova de Baronea—José Custodio Figueiredo.
Cortegana, Alemquer—João dos Santos Pereira.
Reguengos de Monsarás — Antonio João da Cunha.
Paderne—**Algarve**—Antonio Anacleto d'Oliveira,
Torres Novas—João Rodrigues Sentieiro.
Amarelej a—**Moura**—Manuel Frade.
Castello Branco—Vende-se pelas ruas.
Montemór o Novo—Fortunato Reinato.
Tondella—Mario do Carmo.
Pedrogam Grande—Adelino Lourenço. dos Santos.
Idanha a Nova—Christiano Pereira Barata.
Guimarães—Antonio Araujo Salgado.
Braga—José Gomes da Silva, Campo de S. Thiago, 24.
Taboa—Francisco da Costa Carvalho.
Monsão—João da Silva Guimarães.
Figueiró dos Vinhos—José Miguel Fernandes David
Pinhel—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres
Vianna do Castello—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122.
Lamego—Joaquim Valente.
Castello Novo (Beira Baixa) João Pereira dos Santos
Elvas—Luiz Samuel da Silva.
Povoa—José Couto Segundo,
Agueda—Eduardo dos Santos Trinta.
Covilhã—João Pereira Saraiva.
Figueira da Foz—João Palhas, Mercado n.º 8.
Santa Cruz da Graciosa—Antonio Ernesto Esteves.
Fundão—Manuel Gonçalves Anacleto.
Guarda—José Antunes Figueiredo.
Cadaval—Antonio Lopes Leal.
Sobral de Mont'Agraço—Arthur Carvalho.
Moura—José F. de Lima Junior.
Macieira de Cambra—Domingos d'Albergaria
Alcochete Joaquim Valentim
Santarem Vende-se nas ruas
Cezimbra — Antonio José Pereira.
Angeja = José Maria Martins dos Santos.
Castello de Vide — Antonio Lourenço Veliz.
Villa do Cano = Antonio Martins Florentino.
Serpa = Celestino Alhinho.
Louzã = Adelino P. Erse.
S. Bartholomeu de Messines — A. Cabrita do Rosario
Villa Nova d'Ourem—Antonio José Pereira.
Vianna do Alemtejo—Joaquim Antonio Carvalho.
Sattam—José da Cunha Marques.
Funchal—José Augusto de Pina.

BRAZIL

Rio de Janeiro— Centro de Publicações de Gianlorenzo, Schettino, Travessa do Ouvidor.
Manaus—Agencia Freitas.
Belem do Pará—Centro de Publicações.

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

LA PARISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.
Limpa e tinge *luvas, tapetes reposteiros.*

Fabrica e Escriptorio—**Rua Costa Cabral, 489**—PORTO.
SUCCURSAL

383—Rua Formoza—385

[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]

Typographia a vapor
DE
O POVO DE AVEIRO

TRABALHOS COMMERCIAES

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa *Bauer & C.ª*, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa *Bauer* e da casa franceza *Turlot*, orlas e vinhetas decorativas *Turlot*, *Berthol*, de Berlim, e de *Klinkardt*, de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª*, de Frankenthal, *Ingenfrost*, de Leipzig, *Dietz & Listing*, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a **Francisco Manuel Homem Christo,** *proprietario, director e adr*

RO.

D'ARNELLAS—AVEIRO

Bilhetes de visita desde 400 réis o cento

HOTEL CYSNE
Boa-Vista

RUA DA ALFANDEGA (Junto á Ria

AVEIRO

Proprietario-Gerente
ANTONIO SIMÕES PEIXINHO

Este antigo e bem conceituado hotel, installado em casa propria e sito em um dos locaes mais apraziveis da cidade, recommenda-se pela seriedade e aceio do tratamento.

Contracto especial para hospedes permanentes

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TRENS AOS PRINCIPAES COMBOIOS

Endereço telegraphico:

Hotel Cysne—AVEIRO